

Paulo Roberto Bornhofen



## Epícentro de uma Tragédia

“Relatos e dramas de policiais militares que estiveram no centro da catástrofe que atingiu Santa Catarina em novembro de 2008”

# **EPICENTRO DE UMA TRAGÉDIA**

**Relatos e dramas de policiais militares que  
estiveram no centro da catástrofe que  
atingiu Santa Catarina em novembro de  
2008**

**Paulo Roberto Bornhofen**

©Blumenau 2010. Paulo Roberto Bornhofen  
Todos os direitos reservados.

Texto  
Paulo Roberto Bornhofen

Revisão  
Zilair Schoepf  
Gervásio Tessaleno Cruz

Capa  
Obra: Baú de pedras sempre preciosas  
Autora: Marlene da Silveira (Imamaiah)  
Foto: Sandro Heleno das Neves  
Montagem: Antonio Hugo Aresse Quintana  
Contracapa  
Obra: O resgate  
Autor: Benedito Augusto de Nascimento Neto  
Foto: Sandro Heleno das Neves  
Montagem: Antonio Hugo Aresse Quintana

Editoração e impressão:

Ficha catalográfica elaborada pela  
Biblioteca Central da FURB

---

Bornhofen, Paulo Roberto

B736e Epicentro de uma tragédia : relatos e dramas de policiais militares que estiveram no centro da catástrofe que atingiu Santa Catarina em novembro de 2008 / Paulo Roberto Bornhofen. - Blumenau : Editora Cultura em Movimento, 2010. 108 p. ISBN: 978 85 87100 66 5

1. Santa Catarina. Polícia Militar. 2. Catástrofes naturais – Narrativas pessoais – Santa Catarina. 3. Título.

CDD 363.35

---

ISBN

978 85 87100 66 5

## ***Dedicatória***

A atividade policial militar é com certeza uma das mais dinâmicas da vida moderna. Constitucionalmente a Polícia Militar tem a exclusividade da Polícia Ostensiva para a manutenção da Ordem Pública. Isto significa dizer que as missões a que nós, policiais militares, estamos sujeitos não têm limites.

Uma catástrofe nas proporções como a que se abateu sobre a Bela e Santa Catarina, tanto em prejuízos financeiros, e principalmente, no que se refere à quantidade de pessoas atingidas cobra uma resposta muito grande da instituição Polícia Militar e por conseguinte de seus integrantes.

Por isso, dedico este livro aos meus colegas policiais militares que de forma anônima não mediram esforços para suplantar todas as adversidades impostas pela natureza levando ajuda a quem dela precisasse. Muitos deles atingidos que foram pela força das águas e pelo peso da terra que desceu das encostas. Fizeram o que diz a letra da canção da PMSC: **“A defesa da Lei e dos lares essa Farda nos faz garantir”**.

Dedico, ainda, a todas as demais pessoas e instituições que se irmanaram no socorro às vítimas deste evento que ainda procuramos entender. Sejam instituições públicas ou privadas, de caráter local, ou nacional e até mesmo aos solitários e solidários anônimos que dividiram o pouco que tinham para reconfortar os que tudo perderam.

Finalizando, não poderia deixar de registrar os mais de cem moradores desta abençoada terra que perderam suas vidas de forma tão violenta e trágica e aos seus familiares que ainda hoje lutam para suplantar os traumas de suas perdas.

## ***Agradecimento***

Agradeço, em especial, a todos os policiais militares que entenderam a proposta desta obra literária e abriram seus corações para relatar seus dramas. Na medida em que iam narrando seus acontecimentos, pude notar na grande maioria deles que a emoção ia tomando conta.

Policiais militares, homens e mulheres, que se submetem a pesados treinamentos para que possamos, nos momentos mais difíceis, mantermos a calma e a tranquilidade necessárias para que nossa atuação busque minimizar ao máximo os impactos negativos de qualquer evento. Por evento refiro-me aos mais variados tipos de crimes, como as forças da natureza.

Foram estes profissionais, forjados na filosofia policial militar que em certos momentos, ao narrarem os fatos, tinham seus olhos cheios de lágrimas e outros que não diante da impossibilidade de se conterem deixaram o choro fluir livremente que tornaram possível executar esta obra. A estes policiais, os meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço, também, a todos os profissionais que tornaram possível a elaboração deste livro, em especial a Professora Zilair e ao Professor Gervásio, revisores da obra; a artista plástica Imamaiah (Marlene) autora da obra que integra a capa; ao fotógrafo Sandro, Sd da PMSC; ao escultor Augusto, Sd da PMSC, autor da obra que integra a contra-capa; ao ilustrador Hugo, responsável pela montagem da capa deste livro e a Bibliotecária Suzeli Demin Fumagalli, responsável pela ficha catalográfica.

## *Índice*

Apresentação - Ações imperiosas de Comandamento .....	6
Introdução – por que escrevi este livro.....	19
Três formas de terror .....	25
A responsabilidade em usar a farda chegou mais cedo .....	35
Teimosia quase mata.....	42
Sentimento do dever cumprido.....	47
Resgate inesperado .....	52
Isolado .....	58
No centro da catástrofe.....	63
Um resgate e muita tristeza .....	68
Um presente de natal impossível .....	74
O sonho levado pelo desmoronamento.....	79
Menti! Por uma boa causa .....	83
Algumas informações sobre a catástrofe .....	88
Histórico do 10º BPM - Blumenau.....	95
Histórico da Polícia Militar de Santa Catarina .....	99
Canção da PMSC.....	104
O autor.....	106

### ***Apresentação - Ações imperiosas de Comandamento***

O longo período de chuvas estava a chamar a atenção para que algo de ruim pudesse acontecer. Futebol não podíamos mais jogar, pois os campos encharcados não habilitavam á prática do esporte. Sexta-feira, dia 21, a chuva foi muito forte. Mais tudo começou no sábado, dia 22.

Estava no apartamento, já que sair era um estorvo, com aquela chuva toda. Ficamos fechados no apartamento, às vezes lendo, às vezes assistindo a TV. A chuva torrencial chamou-me a atenção. Desci e fui até a portaria para ver como estava a Rua Prudente de Moraes, rua em que resido. Isto porque, bem defronte ao prédio, a “boca-de-lobo” não dá escoamento suficiente para a água e normalmente, em dias de fortes chuvas, a rua fica alagada e é comum ficar alguns carros com água acima do nível dos pneus.

Quando cheguei, a água já estava na via e subindo rapidamente. Felizmente todos os carros foram retirados a tempo. Foi questão de minutos, a água começou a subir chegando na portaria e adentrando nas garagens. Ficamos preocupados e resolvemos retirar alguns veículos.

Liguei para o Oficial de Serviço de Externo ao 10º Batalhão de Polícia Militar, perguntando da situação. Fui

informado que estava um caos na cidade, com vários pontos alagados em razão das fortes chuvas que caíram na sexta-feira à noite e no sábado pela manhã.

Imediatamente me dirigi ao quartel para melhor conhecer os problemas. Contatei com a Defesa Civil e com o Corpo de Bombeiros. Fui informado que a situação, até ali, era problemática, mas tão somente em razão dos alagamentos. O nível do rio Itajaí-Açú e dos ribeirões ainda não havia dado o ar de sua graça. A preocupação maior era o trânsito na cidade que importunava a todos.

Permaneci no quartel. Durante a tarde despachando e acompanhando os acontecimentos. Fazia contatos constantes com a Defesa Civil. O ribeirão da Velha começou a subir e subia mais do que o esperado ou previsto pela Defesa Civil. As chuvas continuavam. As Guarnições ajudavam no controle do trânsito e no auxílio de pessoas, de famílias, em locais alagados provocados pelo não escoamento das águas dos “bueiros”.

Poucas horas depois, o ribeirão da Velha começou a subir além do previsto, chegando a adentrar no quartel, próximo à Oficina Mecânica. A essa altura, a preocupação aumentava. Ordenei o acionamento do Plano de Chamada (ações para chamar para o Batalhão os Policiais Militares) e do

Plano de Evacuação do Quartel (ações de retirada dos bens, equipamentos, armamentos etc...). Algumas áreas da cidade já começavam a apresentar problemas com cheias provocadas pela elevação do nível das águas dos ribeirões e do rio Itajaí-Açú.

Ainda no sábado, foram retiradas as viaturas, os armamentos e diversos equipamentos do Batalhão e transportados para a sede da 7ª Região de Polícia Militar que está instalada junto à sede administrativa da Secretaria de Desenvolvimento Regional de Blumenau, na Rua Braz Wanka, bairro Escola Agrícola. No Centro de Emergência da Polícia Militar – CIEMER 190, aumentava o número de pedidos de socorro. Porém não durou muito, a queda de energia foi fatal para as nossas comunicações. A energia após algumas horas, retornou.

Recebi a notícia do estouro do gasoduto na BR 470. Viaturas Policiais Militares foram para o local auxiliar a Polícia Rodoviária Federal – PRF. O trânsito começou a ficar caótico. Desviou-se então o fluxo de trânsito para a cidade de Blumenau de forma que os veículos sentido BR 101 ou ao interior do Estado pudessem continuar suas viagens, passando por dentro das cidades de Blumenau e Gaspar.

Por iniciativa própria das guarnições de rádiopatrulha e de policiais militares em locais diversos deu-se início ao socorro e auxílio a pessoas e bens.

Por volta das 22:00h, o nível das águas começa a baixar rapidamente. Enganados pelo falso pensamento de que o pior já passara, interrompemos as ações de remoção dos bens do quartel. O Plano de chamada, no entanto, continuava vigorando. Os policiais militares que se apresentavam no quartel eram direcionados para a 7ª RPM, onde se montou o Comando Operacional para distribuição do policiamento. Os alunos soldados (civis em formação) auxiliavam no quartel a retirada ou elevação dos bens e equipamentos.

Por volta da 24:00h, a situação acalmou. Exceto o trânsito na BR 470. O nível do rio já estava baixo, os pedidos de socorro quase que zeraram, o trânsito urbano estava normal. Liberei os incansáveis policiais militares, exceto aqueles que estavam de serviço na noite, para que continuassem os serviços de segurança da comunidade.

Mas a vida nos prega surpresas. Às 05:00h, fui novamente acionado. As chuvas que continuavam a cair provocaram alguns escorregamentos e desmoronamentos. Voltei ao quartel e todo o processo de acionamento do plano de chamada e do plano de evacuação foi reativado.

A energia elétrica novamente foi cortada. Ficamos mais uma vez sem comunicação. Resolvemos então instalar uma Central de Rádio na 7ª RPM para contato com as viaturas de Radiopatrulha.

A cozinha do Batalhão foi transferida para a Escola Básica Municipal Victor Hering. A coordenação do Policiamento ficou instalada junto à Secretaria da 7ª RPM. Os Policiais Militares que se apresentavam eram direcionados para o serviço operacional, auxiliando no policiamento ostensivo e de ajuda à comunidade. Os policiais militares do expediente e os alunos soldados eram utilizados no quartel para o resgate dos bens e equipamentos.

A água voltou a subir ainda pela manhã. Recebemos a visita do Sr Cel PM Eliésio Rodrigues, que percorreu as instalações do 10º BPM. A essa altura, a água já estava chegando próximo da Oficina Mecânica. Ofereceu reforço de Policiais Militares e disponibilizou os helicópteros (Águia 1 e Águia 2) para os serviços de busca e salvamento, ficando à disposição da Defesa Civil.

As águas desceram, porém não por muito tempo. A tarde, elas voltaram a subir. A chuva não parava. Retiramos os bens e equipamentos possíveis e elevamos outros. Ficamos no aguardo. O Centro de Operações funcionando junto ao

Comando Regional, coordenava as ações de policiamento ostensivo e apoio aos demais órgãos.

A noite de domingo chegou e com ela o terror. Sem energia elétrica e já sem poder sair do Batalhão que a essa altura já estava ilhado, ficamos no aguardo, torcendo para que tudo não passasse de um pequeno pesadelo. Porém, enquanto os minutos passavam, as águas tomavam as instalações. Em contato com o Centro de Operações, as notícias também não eram boas. Muitas guarnições de Radiopatrulha estavam ilhadas, sem poder sair dos bairros, ou mesmo sem poder prestar o auxílio necessário.

A noite foi longa. Com o passar das horas, percebíamos que a destruição seria grande. O curso do ribeirão da Velha, simplesmente tomou o quartel, destruindo cerca, porta, janelas e até mesmo o muro de proteção do quartel. Salvamos o que foi possível. Alguns bravos policiais militares permaneciam no quartel. Não queríamos deixar o quartel abandonado. Mas a situação estava crítica. Sem água, sem alimentação, aguardávamos.

Já ao amanhecer, houve a tentativa do nosso resgate por policiais militares ambientais. No entanto, devido à forte correnteza, os motores das embarcações não foram suficientes

e também eles permaneceram, por segurança, nas dependências do Batalhão.

Pela manhã, as águas começaram a baixar. A chuva deu uma trégua. Imediatamente, contatamos com a Central de Operações. Fomos informados de que a cidade estava um caos. Vários desmoronamentos, escorregamentos, destruições, etc... O Corpo de Bombeiros não dava conta dos atendimentos. O 23º BI, que já estava em ação, acionou a 14ª Brigada, solicitando reforço e apoio, principalmente com aeronaves para a busca e salvamento. Os policiais militares realizaram diversos salvamentos, outros atingidos e tiveram que ser socorridos, enfim, a cidade parou, estava destruída.

O Prefeito, imediatamente, decretou calamidade pública. Com o baixar das águas, como já de costume dos blumenauenses, a limpeza já era providenciada. No entanto, o que se percebeu, além da grande destruição provocada pela força das águas, foi a grande quantidade de “lama”, fruto dos escorregamentos e desmoronamentos, e pela quantidade de “entulho” que o ribeirão da Velha apresentava nos dizia que a destruição fora grande.

Ainda no Quartel, junto com o Major Bornhofen, que também permanecera conosco no Batalhão, iniciamos a coordenação para a limpeza das dependências do quartel, para

que pudéssemos avaliar os danos, recuperar o que fosse possível e também preparar o quartel para a rotina normal. Ainda na segunda-feira à noite, fizemos uma reunião com os Oficiais na sede da 7ª Região de Polícia Militar acertando algumas funções, restabelecendo as escalas de serviço de forma que pudéssemos atender à comunidade no que fosse possível evitando-se saques, furtos, arrombamentos etc...

Na terça pela manhã, fui para a Prefeitura, atuar junto a ao gabinete de crise, instalado pelo Prefeito Municipal João Paulo Kleinubing. Percebemos logo na chegada que a situação era pior do que pensávamos. Não havia bairro em Blumenau que não fora afetado. O número de mortes crescia a cada hora, conforme os grupos de resgate fossem chegando nos locais. Em diversas localidades, era possível se chegar somente pelo ar, através dos helicópteros, da PM, do Exército e muitos outros cedidos por empresas e por Corporações de Estados vizinhos. A localidade mais atingida foi a do Morro do Baú no Município de Ilhota e Gaspar e os bairros de Blumenau: Jordão, Progresso e Velha.

Auxiliamos no que foi possível, coordenando as ações do policiamento. Direcionamos o policiamento para os locais acessíveis, distribuindo os policiais militares nas Bases Operacionais e Comunitárias sob comando de um Oficial.

Distribuimos ainda as funções para cada Oficial: de comandante do policiamento ostensivo; de provisionador; de responsável pela manutenção e recuperação do batalhão; de coordenador do policiamento (central de rádio); de responsável pela escala do efetivo; de pessoal, que atendia os policiais militares que foram atingidos; de responsável pelo recebimento e coordenação dos materiais recebidos etc... Dessa forma, foi possível dividir a árdua tarefa de gerenciar a crise.

Continuei os trabalhos junto ao gabinete de gerenciamento de crise. Os pedidos de auxílios eram constantes. Mas o que mais estava prejudicando os trabalhos era o trânsito. Com a BR 470 fechada em razão do rompimento do gasoduto, todo o trânsito de veículos, inclusive caminhões, estava sendo desviado para Blumenau e com isso o trânsito urbano ficou congestionado, dificultando a circulação dos veículos de resgate e de policiamento. Ações duras no trânsito tiveram que ser tomadas, fechando-se ruas inteiramente ao tráfego devido ao risco.

Com o desenvolvimento das ações, a defesa civil instalava os abrigos, conforme a possibilidade e acessibilidade, reunindo em escolas, creches, em clubes e em associações, os desabrigados, gerando necessidade de segurança. A Secretaria de Obras do Município com suas máquinas

avançavam como tanques de guerra, retirando entulhos, desobstruindo vias de acesso. O Exército necessitou instalar pontes móveis para servir de acesso a lugares cujas pontes foram totalmente destruídas.

O 23º Batalhão de Infantaria iniciou a distribuição do efetivo nos abrigos, coordenando as ações e com isso também a polícia militar, através do 10º BPM, iniciou o policiamento nos locais de abrigo. Porém, somente conseguimos atender a todos os abrigos, 56 na sua totalidade, com a chegada de policiais militares em reforço, oriundos de Concórdia, Chapecó, Canoinhas, São Miguel do Oeste, Mafra etc., totalizando no seu maior contingente de 156 policiais militares distribuídos nos locais de abrigo, mesmo aqueles de difícil acesso e também foram utilizados no policiamento ostensivo de diversos pontos da cidade. Com isso, o número de arrombamentos e furtos registrados foi mínimo. Tivemos apenas duas informações de “saque”, sendo que apenas um deles foi confirmado e combatido já no seu início.

O Gerenciamento de Crise continuou por duas semanas. Mantivemo-nos na Prefeitura, atuando em contato direto com as autoridades Municipais, Estaduais e até Federais. Durante o transcurso, recebemos a visita do Cel PM Comandante Geral por algumas vezes, sempre ofertando reforço e todo apoio que

se fizesse necessário. O policiamento na cidade continuou reforçado, com uma menor quantidade de policiais militares em reforço, mas enquanto os abrigos estavam funcionando, mantínhamos policiamento no local.

O quartel foi limpo, ou melhor, deixado em condições para que pudéssemos voltar a utilizá-lo. Assim foi feito. Retornamos com algumas atividades administrativas, principalmente porque os Alunos-Soldados precisavam concluir a sua formação ainda em dezembro.

O gabinete de gerenciamento de crise encerrou suas atividades no início de dezembro, deixando as ações agora, sob coordenação da Defesa Civil Municipal. Retornamos aos 10º BPM. As atividades administrativas e operacionais foram reordenadas e aos poucos voltando as suas atividades rotineiras e cada policial militar retornando a sua atividade principal. As escalas de serviço foram reestabelecidas.

O reforço de policiais militares na cidade foi mantido até 21 de dezembro, quando então o policiamento nos locais de abrigo, agora já em menor número, foi policiado pelos recém-formados policiais militares do 10º Batalhão de Polícia Militar.

A cidade ainda guarda as marcas da tragédia, mas aos poucos também se recupera. Talvez ainda longos anos se passem para voltar a ser como então. Felizmente, mesmo

apesar do longo tempo, os bens materiais serão recuperados. Infelizmente, não há como recuperar as vidas que se foram.

Os policiais militares, esses bravos guerreiros que, mesmo diante da tragédia sofrida diretamente, atuaram de forma incansável no auxílio, no salvamento, na segurança da comunidade, não medindo esforços para que o seu mister fosse exercido na plenitude, mesmo tendo sua casa alagada ou destruída; de ter deixado a família por alguns dias, passando a conviver diuturnamente com a calamidade por alguns dias e noites; mesmo com risco de morte; merecem todos os elogios possíveis, agradecimentos e reconhecimento por parte do Comando e das autoridades locais, estaduais, federais e de toda a comunidade blumenauense.

Não tivemos graves problemas de Ordem Pública, em razão da ação pró-ativa desses milicianos que mesmo diante da adversidade souberam superar o medo, as dificuldades e o cansaço e atuaram como verdadeiros heróis.

Desta forma, externo ao Tenente-Coronel Bornhofen, meus agradecimento e elogios pela atuação, dedicação e empenho no desenvolvimento de suas ações na dos fatos ora relatados. Mas um elogio todo especial, por ter a iniciativa de agregar informações e relatos de ações da Polícia Militar e ou

Paulo Roberto Bornhofen

de Policiais Militares durante a calamidade, deixando registrado, para a história, tais fatos.

Parabéns.

César Luiz Dalri

Tenente-Coronel PM

Comandante do 10º BPM - Blumenau/SC

### ***Introdução - por que escrevi este livro***

Existem inúmeras razões para que se escreva um livro. Comigo não é diferente. Resolvi escrever este livro por uma série delas. A mais óbvia é porque sou escritor e oficial da Polícia Militar de Santa Catarina. Só que na verdade isto não representa razões, mas sim facilidades.

Duas são as razões básicas que me levaram a produzir esta pequena obra literária. A primeira delas é fazer o registro da atuação dos policiais militares durante a série de eventos climáticos que atingiram Blumenau e região causando uma tragédia sem proporções. Tenho a certeza de que muitos livros serão escritos, afinal o momento é rico e propício para tal. Dramas se reproduziram aos milhares. Cada um dos moradores do vale assimilou a tragédia a sua maneira e vivenciou seu drama de forma única.

Não tenho a pretensão de escrever com o rigor de um historiador, tão pouco com a fluência de um jornalista. Sim com o compromisso de procurar transpor para o papel os dramas vividos por alguns policiais do 10º Batalhão de Polícia Militar, sediado na cidade de Blumenau.

Blumenau que vem experimentando ao longo de sua existência outras severas manifestações da natureza, a grande

maioria delas materializadas na forma de enchentes. Ocorre que nestes momentos dramáticos vividos por Blumenau, a Polícia Militar e seus valorosos policiais sempre estiveram presentes, ombreando na linha de frente da ação. Mas não se produziram registros.

A ação da PM se perdeu com o tempo, existindo apenas na tradição oral que é passada dentro dos muros dos quartéis de uma geração para outra de policiais militares. Todos sabem que a PM trabalhou, que foi valorosa, que foi heroica, mas não sabem como isto se deu. Não ficaram registros gravados na matéria, apenas na lembrança de uns poucos. Os dramas vividos pelos policiais militares aos poucos foram sendo esquecidos. Esta é uma das razões que me levou a unir minha condição de escritor com minha situação de oficial da PM catarinense servindo desde 1987 em Blumenau.

A outra razão, muito forte para mim, é de cunho sentimental. É mostrar para a população como a PM atua nestes momentos de crise. Sem recorrer à pieguice, mas não tendo como suprimir a questão sentimental, causou-me tristeza a falta de divulgação das ações da PM. É lógico que a PM não fez tudo sozinha, e que tão pouco é o órgão com melhor treinamento para atuar nestas condições. O que não pode ser negado é que a PM, mesmo sem estas qualificações, atuou

muito e muito bem. Os holofotes não nos atingiam, ao contrário, fugiam de nós. Não que os tivéssemos buscando, buscamos apenas o reconhecimento.

Tudo o que precisou ser feito, a PM em maior ou menor escala fez, ou seja, a PM fez tudo e de tudo. Resgate de feridos, a PM fez. Transporte de doentes, a PM fez. Recolhimento de animais, a PM fez. Atingir as áreas mais isoladas, a PM fez. Resgate de cadáveres, a PM fez. Entrega de alimentos, a PM fez. Recolhimento de donativos, a PM fez. Arriscar a vida, os PMs arriscaram. A PM fez tudo isso sem deixar de executar sua missão constitucional que é a Polícia Ostensiva para a manutenção da ordem pública.

O que eu quero dizer é que cada órgão público tem sua missão e durante a catástrofe a cumpriram com maestria. Não só os órgãos públicos, como toda uma rede de voluntários se fez presente e atuante. Porém, a PM foi além de sua missão constitucional. Estava junto com todos os demais órgãos em todas as frentes que foram abertas e manteve-se irredutível na manutenção da ordem pública. Chegou a ser uma espécie de repositório para os demais órgãos que sabiam que sempre tinha um PM quando precisassem de apoio. É esta condição, única, enfrentada pela PM, que quero registrar e tornar pública. Talvez assim consiga romper esta solidão que cercou as ações

da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina durante a catástrofe de novembro de 2008.

Não se trata de diminuir a importância deste ou daquele órgão, pois foi a ação de cada um deles, quer seja em conjunto, quer seja individual, que permitiu ao Vale do Itajaí enfrentar um evento singular, muito menos de chamar para a PM as glórias e as virtudes das ações. Trata sim de reconhecer a atuação de uma instituição de múltiplas ações e emprego, que precisa ser resgatada e registrada, como forma de registrar o brilhante serviço de seus integrantes.

A Polícia Militar de Santa Catarina protagonizou momentos e ações que foram únicos e que servirão de modelo e inspiração para outras instituições quando se virem envolvidas em situações de emergência.

A PM catarinense comandou a maior frota de aeronaves já empregadas em território brasileiro para missões de defesa civil. Foram 19 helicópteros, 91 pilotos e tripulantes de 12 instituições estaduais e federais (Marinha do Brasil – 02; Polícia Rodoviária Federal – 04; IBAMA – 01; Polícia Militar de Santa Catarina – 02 (e um avião); Polícia Civil de Santa Catarina – 01; Brigada Militar do Rio Grande do Sul – 01; Casa Militar do Governo do Paraná – 01; Polícia Militar de São Paulo – 02; Polícia Civil de São Paulo – 01; Polícia Militar de Minas

Gerais – 01; Corpo de Bombeiros de Minas Gerais – 01; Polícia Militar do Rio de Janeiro – 01). Apenas os helicópteros do Exército e da Aeronáutica não se integraram ao Batalhão de Aviação da PMSC.

Outra situação que merece destaque foi a edição da Portaria nº 816 de 25 de novembro de 2008 do Comando Geral da PMSC, publicada no Diário Oficial do Estado nº 18. 497, de 26 de novembro de 2008, que restringia a presença de estranhos em áreas atingidas. Uma demonstração clara do exercício de polícia ostensiva previsto na Constituição Federal e outros diplomas legais. Situação que nunca antes foi efetivada por qualquer instituição policial militar. No capítulo final deste livro, está a íntegra da referida portaria.

Ações que se constituem em um marco na manutenção da ordem em nosso país. São estas razões que me motivaram e entrevistar alguns policiais militares que tiveram atuações diretas com atingidos pela catástrofe. O convite foi feito a aqueles policiais que tivessem vivido algumas situações peculiares. Tenho certeza de que se tivesse entrevistado todos os policiais militares que atuaram na região terminaria por escrever uma enciclopédia. Mas esta não era a intenção.

Procurei reunir relatos de forma a escrever um livro enxuto em seu aspecto visual, mas rico em conteúdo. Por ser

Paulo Roberto Bornhofen

oficial do 10º Batalhão de Polícia Militar, procurei apenas policiais desta Unidade e do Pelotão de Gaspar, que por muitos anos pertenceu ao 10º BPM, criando um laço de união. Foi uma escolha pessoal e assumo total responsabilidade por ela.

### ***Três formas de terror***

O texto abaixo é um relato deste autor sobre o que vivi nos primeiros momentos da tragédia. Circulou na internet já nos primeiros momentos da tragédia com grande repercussão, sendo traduzido para o alemão.

O cenário estava se armando. Quase quatro meses de chuvas. O solo estava encharcado, o rio, o famoso Itajaí-Açu, ganhava volume e tentava fugir de sua calha. O final de semana apenas começara, era sábado. Pela manhã, fui participar da Conferência Municipal de Cultura. Em meio a discussões sobre a cultura, um único assunto ganhava unanimidade, a chuva.

Quando voltei, no período da tarde, para o encerramento dos trabalhos, fui informado de que a conferência estava suspensa. O prefeito havia decretado estado de emergência. Voltei para casa e no caminho pude notar que as pessoas andavam apressadas, preocupadas. Cheguei a casa e fui deitar.

O barulho da chuva, que caía de forma torrencial, acordou-me. Fui até a cozinha e comecei a saborear uma castanha, quando, pela janela da área de serviço, notei o trânsito parado e sobre a pista da estrada havia uma lâmina de

água barrenta, vermelha. A cidade começava a sangrar e eu não percebera. Fui até a sala, para olhar pela sacada, quando o trânsito parado na via que sai do Parque Vila Germânica chamou minha atenção. Quando cheguei à sacada a surpresa chocou. A rua em frente ao meu condomínio estava tomada pelas águas. Os carros passavam de forma cuidadosa. A água começava tomar a entrada do condomínio.

De súbito, corri e acordei minha esposa. Liguei para o COPOM para saber da situação e fui informado de que o Comandante do Batalhão estava presente. Liguei para ele e ouvi a sentença: “o plano de chamada está sendo ativado e és o primeiro a ser chamado!”. Já havia passado por esta situação antes, em meus 24 anos de serviço policial militar, dos quais 90% servidos em Blumenau; era a minha 5ª enchente.

Rapidamente preparei uma mochila, com alguns itens básicos, como o material de higiene, meias e cuecas. O fardamento eu guardo no quartel. Moro perto do Quartel do meu Batalhão e, pela experiência, sabia que não devia ir de carro. O Quartel pega água e sempre que Blumenau sofre com uma enchente, a casa da Polícia Militar é uma das primeiras a ser atingida. Não conseguia encontrar caminho para o quartel, estava tudo alagado. Liguei novamente para o Comandante, solicitando uma viatura.

Fui socorrido por uma de nossas viaturas do tipo camionete e no retorno ao quartel fomos parados por um grupo de pessoas que pedia auxílio para uma mãe com uma criança de 18 dias. Eram evangélicos que estavam participando de um encontro no Parque Vila Germânica, encontro este que também havia sido cancelado. Diante da situação, coloquei a mãe, com a criança nos braços, e mais uma senhora na viatura e partimos para a sua casa. Ele nos informou que morava na Rua José Reuter, no Ristow. O caminho foi longo. O cenário já era preocupante. Muitos alagamentos e deslizamentos pela via davam uma pequena mostra do que viria. A cidade não apenas sangrava, mas em alguns lugares ela já deixava sua carne à mostra. A cidade começava a mostrar suas entranhas, mas eu não percebia, não só eu, acho que até aquele momento ninguém percebia.

Quando chegamos à rua indicada, a senhora pediu-me que a deixasse antes de sua casa, que era em um morro, pois se parássemos em frente, ela não conseguiria sair, já que a viatura era muito alta. Lembro que ela ainda apontou para a sua casa e disse: - é lá que eu moro. Hora mais tarde, aquela região foi uma das mais castigadas da cidade, com a destruição de inúmeras casas pelo deslizamento de terra e muita gente morreu.

Quando cheguei ao quartel, me reuni com o Comandante e adotamos algumas medidas visando proteger o patrimônio. Por volta das 22:00h fomos dispensados. As previsões não apontavam para cheias. Confesso que fiquei feliz em voltar para casa. Fui a pé. As águas já haviam baixado e não encontrei nenhuma área alagada. Era uma trégua diabólica, apenas para transmitir uma falsa sensação de segurança. Uma pausa para o pior.

Blumenau e todo o Vale seriam tomados pelo terror. Silenciosamente a cidade era tomada por forças de proporções catastróficas. A cidade que aprendera a conviver com as seguidas cheias do rio não estava preparada para o que a aguardava. De forma sistemática e cruel, a natureza iria revelar toda a sua ira. A enchente teria companhia. Como que em uma bizarra aventura épica, um monstro com três corpos iria atacar o vale. A população seria acuada, judiada, massacrada. Os morros, que em épocas passadas eram o refúgio para as cheias, haviam se transformado em mortais armadilhas. Deslizamentos iriam tirar a vida de mais de uma centena de aterrorizados moradores do Vale.

Mas não no domingo durante o dia. Novamente as águas recuaram. Nós voltamos ao quartel, havia sido chamado, novamente às 02:00h, em plena madrugada. Podemos dizer

que o domingo foi ameno durante o dia. Quando a noite se aproximou, nos preparamos para ficar ilhados no prédio do Copom. Continuamente, as águas foram subindo. Não como nas enchentes que a cidade já havia testemunhado. O volume de água foi demasiado para um solo já castigado e ensopado por quase quatro meses de chuva. A enchente seria precedida de alagamentos. Lugares que tradicionalmente eram atingidos com determinadas cotas do rio, simplesmente ficaram embaixo d'água, independente da cota. Assim, de forma sorrateira, com total vilania, as águas pegaram os moradores de surpresa. É tradição que se adote determinada medida em função das cotas. Esta tradição foi destruída, desmoralizada, não serve mais para nada.

De agora em diante, quem se guiar pelas cotas estará placidamente esperando a morte chegar e não, como no passado, estará em estado de alerta para enfrentar, e vencer como tantas vezes já ocorreu, com a bravura (a bravura que moldou a multicolorida Blumenau) indômita dos orgulhosos blumenauenses, mais uma enchente. Triste ilusão que cega os sofridos bravos!

Com a chegada da noite nos instalamos no Copom. Os telefones de emergência não paravam, assim com as águas do ribeirão da Velha, que perigosamente passam a míseros

metros dos fundos do aquartelamento. Sem pedir licença, e muito menos encontrar resistências, as águas foram tomando o quartel. Rapidamente uma furiosa lâmina tomou conta de todo o pátio. O ribeirão da Velha ardilosamente se apoderou do nosso quartel e lançou um braço que cortou caminho para evitar uma curva que contorna os fundos do mesmo. Agora, tínhamos as águas do ribeirão, e sua astuta correnteza, nos cercando.

Pelo telefone, a comunidade continuava com seu grito de socorro. À medida que a noite avançava, o desespero aumentava, refletido nos ininterruptos chamados ao telefone 190. A cada telefonema, uma história de horror e desgraça nos alcançava. Pelo rádio, o que os policiais militares, homens e mulheres reportavam não era menos estarrecedor. Desmoronamentos, alagamentos, chuva torrencial e o rio, que fazia valer a sua qualificação de “Açu”, que em Guarani significa grande. O Itajaí-Açu alargava suas margens e engolia a cidade, engolia o vale.

O Copom se viu envolto em um medonho frenesi. Dividíamos o espaço com os funcionários do Samu, para alguns deles, a primeira experiência em catástrofes. Rapidamente a situação na cidade se deteriorou e o caos se instalou. Os deslizamentos não paravam. Morte e destruição

em cada telefonema. Patrimônios, sonhos e vidas eram levados pelas avalanches de terra. Não demorou muito para que nossas viaturas se vissem sitiadas, suas rotas estavam bloqueadas, idem para as viaturas do Samu. O socorro não circulava mais. Não chegava e quando chegava não saía. Estávamos vivendo algo inédito. Nunca antes tínhamos enfrentado situação parecida. Era uma guerra contra um inimigo astucioso, mas covarde. Batalhas eclodiam em todos os cantos da cidade na forma de deslizamentos, que produziam baixas e mais baixas entre os moradores. A luta era inglória. O número de vítimas ganhava corpo de forma assustadora.

Começamos a receber toda a carga da fúria da natureza. A cidade era atacada por todos os lados. Uma força descomunal a estava devorando, literalmente. Já não eram mais sinais, era todo o furor em seu esplendor máximo; a cidade estava com suas entranhas expostas. Etranhas famintas, que afloravam para o banquete diabólico. A terra dos morros se liquefazia e descia a encosta levando anos de trabalho duro, de sonhos, de projetos, de patrimônio duramente conquistado, de vidas, vidas e mais vidas. Entre as solicitações de ajuda, uma veio da Rua José Reuter, no Ristow, dando conta de que cerca de quinze casas haviam desmoronado

como que em um efeito dominó, em que as pedras do jogo são casas, são vidas. Será que aquela mãe com seu bebê de dezoito dias foram atingidos? Passados dez dias daquela noite, ainda não sei. Falta-me coragem para retornar e saber daquelas pessoas. Acho que prefiro não saber. Uma contabilização macabra foi desenvolvida no Copom. Tentávamos imaginar a quantidade de mortos, com base nas súplicas, nos pedidos desesperados por socorro que nos chegavam. Isso na Polícia Militar; e no Corpo de Bombeiros? Nem dava para imaginar.

Já havíamos perdido a energia elétrica e usávamos o sistema de suporte para emergência, um conjunto de baterias administradas por um software. Aos poucos, este sistema foi falhando. Os computadores apagaram. Fazia horas que estávamos à luz de velas. Apenas o rádio e telefone 190 funcionavam. Não tínhamos mais como fazer os registros. O sistema rádio, que é ligado aos computadores foi perdido junto com eles; conseguíamos operar apenas através de um rádio tipo HT (aqueles rádios que os policiais usam na cintura). Todo o sistema de segurança da cidade, ligado à manutenção da ordem pública, dependia de uma mísera bateria de HT, e quando ela acabasse...

Em meio ao caos que assolava a cidade e se refletia em cada policial ilhado naquela sala, um soldado se aproxima de mim e com os olhos arregalados diz: “Major, estão morrendo lá fora e não podemos fazer nada!” Simplesmente assenti com a cabeça. No pátio do quartel, aquela lâmina de água agora já tinha mais de um metro de espessura e era varrida por uma forte correnteza. Pensei comigo: se este prédio resistir e não desabar, podemos dizer que temos sorte.

Passados alguns instantes, perdemos o telefone 190. Todo o sistema caiu, e a bateria do HT resistia bravamente. Aos poucos, fomos percebendo o silêncio e como que um alívio tomou conta do ambiente. As más notícias não paravam de chegar, só que agora em menor número, apenas pela comunicação com as viaturas. Fomos informados de que um gasoduto explodira em Gaspar. Qual o tamanho da destruição? Havia mortos? Quantos? Apenas especulações. Aquela noite de terror estava longe de terminar. Pela janela do Copom podíamos enxergar por detrás dos morros a claridade do incêndio no gasoduto. Diante de nós, uma paisagem diabólica ganhou forma. A claridade do incêndio era como que um pôr do sol, ou uma lua cheia a iluminar a morte e a destruição que se abatia sobre a cidade, que alagada desmoronava sob o seu próprio peso.

Paulo Roberto Bornhofen

Terra, água e fogo estavam juntos, unidos contra os habitantes do vale. Desta forma, a primeira noite foi vencida e chegou o dia. O primeiro de uma sequência de dias macabros. Dias que mostraram toda a nossa impotência e incompetência diante da fúria grotesca da natureza, que, sem pedir licença, foi devorando o que encontrava pela frente. Dias que mostraram, também, como a nossa arrogância pode potencializar as forças da natureza quando esta simplesmente resolve seguir seu curso normal. Mas, ainda não tínhamos conhecido o verdadeiro drama, o tamanho da tragédia. Era só o começo!

### ***A responsabilidade em usar a farda chegou mais cedo***

Este texto é baseado no depoimento do Aluno Soldado Otto em que relata sua experiência quando participou do resgate a uma família que estava sob os escombros de um soterramento em 23 de novembro.

O curso de Formação de Soldados é a forma como é feito o ingresso na carreira de praças da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina. Foi justamente este o caminho escolhido pelo nosso protagonista, o Aluno Soldado Otto. Naquele fim de semana em que a situação começou seu período crítico o Aluno Soldado Otto foi para o quartel no sábado. Assim como os demais, foi liberado. O comportamento do rio apontava para uma trégua, não havia previsão de cheias. Com a inversão das previsões, em virtude do estado crítico em que o Vale se encontrava o Al Sd retornou no domingo. Ocorre que havia uma surpresa para ele. E, não era no quartel, era na vizinhança e se revelaria antes mesmo dele sair de casa.

Com a chamada para o retorno ao quartel do 10º Batalhão de Polícia Militar, novamente preparou seu uniforme e passou a vesti-lo e quando terminara de amarrar os coturnos foi surpreendido por um forte estrondo, que não tardou a ser

seguido pelo grito das pessoas. Ao correr para fora para ver do que se tratava, passou por uma janela e pôde ver que era um desmoronamento, mais um dos milhares que atingiram o Vale por aqueles dias.

Quando chegou em frente ao prédio em que residia, constatou um cenário desolador a sua frente. Pelo que podia perceber, a avalanche tinha levado três casas. Muitos populares gritavam, a maioria mais gritava do que ajudava, como é comum nestas situações. Foi quando se deu conta de que era o único representante do estado presente naquele momento trágico. Pelos comentários, que ouvia durante o dia, já sabia que muitos desmoronamentos como aquele estavam ocorrendo pelo Vale.

Dentre tantos desmoronamentos aquele se revestia de uma condição especial, pois jogava ele, um simples Al Sd no centro da tragédia. Aos populares não interessava se ele já havia completado ou não o seu período de formação. O que os populares viam era um policial militar diante de situação que requeria uma resposta rápida, um resgate. Ele teria que tomar uma decisão, mais de que isso, teria que agir.

Era possível ouvir o grito de socorro de uma adolescente que por entre os destroços acenava desesperadamente por ajuda. Ficou sabendo que uma família com três pessoas, os

pais e uma família, estavam soterrados. A situação estava bem clara, esperavam que ele tomasse alguma atitude. Mas a decisão não era fácil. O juramento de todos os policiais militares exige de nós um compromisso que envolve submetermos a nossa vida a um risco. Sim, um risco, mas aquela situação não era de risco, era de certeza, o morro continuava a descer, os deslizamentos insistiam. Para piorar a situação, estava sozinho. Não tinha a companhia dos colegas de curso. Não havia instrutores para lhe dizer o que fazer e, principalmente, o que não fazer. Era apenas ele!

A dúvida se instalou. Será que vou morrer? Diante daquela mão que pedia por ajuda deixou seus temores, avaliou bem a situação, pelo menos assim pensa que o fez, e lançou-se no resgate, sem contar com a ajuda dos populares. Estava sozinho, era ele, o morro que insistia em desabar e as vítimas. A ação teria de ser rápida, quanto mais tempo permanecesse naquela situação, maior era o risco de não sair vivo dali. Aquele era um tipo de risco que quem redigiu o juramento nunca pensou que fosse se materializar. Enfrentar bandidos, fazer segurança pública, manter a ordem, para isso estava recebendo treinamento. Fazer resgate de feridos? Não, tinha apenas tido alguma noção de primeiros socorros.

Ao se aproximar da garota, pôde ver, próximo a ela, que o pai estava preso embaixo de escombros. O pai apelava desesperadamente para que salvassem a filha e sua esposa. Não conseguiam ver, nem ouvir a esposa. A filha foi liberada facilmente, mas para liberarem o pai teve que fazer muita força.

O estado dele não era nada animador. Estava com muitas dores e deixava isso muito claro com os gritos e reclamações da dor que sentia, enquanto se esforçava para liberá-lo. A situação chegou a tal ponto que teve de ser duro com aquele senhor. Foi bem claro, ou ele suportava a dor ou teria de ser deixado ali. Não havia uma maneira delicada, ou mais simples de fazer o resgate. Tinha de agir rápido, o morro dava mostras de que continuava ativo, suas terras constantemente se movimentavam para baixo em pequenos e contínuos deslizamentos.

Estes deslizamentos mantinham em nosso protagonista a luz de alerta constantemente acesa. A qualquer momento, aquele lodaçal que descia pela encosta poderia ganhar volume soterrando a tudo e a todos. Era ficar com um olho nas vítimas e o outro no morro, para não se tornar mais uma vítima. Foi assim, em meio a este ambiente de desordem e confusão, em que lama e objetos, esperança e desespero se combinavam que conseguiu resgatar o homem. Com certeza, ele sofreu

muito. Tempos depois, ficou sabendo que o homem resgatado tinha algumas costelas quebradas. Nem gosta de lembrar o que uma daquelas pontas de costela poderia ter causado durante o resgate.

Simplesmente não havia condições de utilizar as técnicas de imobilização que aprendera no curso. A urgência não permitia, qualquer tempo gasto com esta ou aquela técnica poderia resultar no aumento de mortes, incluindo a dele. Em meio a aquela loucura que estava vivendo lembrou das técnicas que aprendeu para o transporte de colegas policiais militares feridos na linha de combate, quando não fosse possível esperar pelo resgate. E era isto que estava acontecendo. Não era um colega de profissão, mas não havia tempo para o resgate. Era o momento da verdade, teria que pôr em prática o que aprendeu. A lembrança dos colegas policiais, dos veteranos rindo dele e da sua turma, quando no pátio interno do Batalhão quase se matavam para poder levar outro colega nas costas. Precisa improvisar. Com algum esforço, colocou a garota por sobre os seus ombros e seguiu para um lugar seguro. Era difícil progredir naquele terreno formado pelos escombros e lama. Com muito custo, conseguiu. Não foi fácil progredir naquele terreno lamacento, com lama quase até os joelhos. Mas conseguiu, tirou a garota dali.

Retornou para buscar o pai, que foi carregado da mesma forma, dá para imaginar o sofrimento a que aquele senhor foi submetido. A mão ainda não havia emitido nenhum sinal. Na verdade, não tinha a menor ideia da sua localização. Mas isto iria ficar para depois, precisava levar aquele senhor para um lugar seguro. Foi quando terminou o resgate do pai que o morro mais uma vez mostrou sua fúria. Os seus temores se materializaram. Nova avalanche de terra cobriu o que restava. Nada mais podia ser feito. O pai e filha foram conduzidos para o hospital, afastando-os daquela situação melancólica. A mãe teve que ser deixada para trás, não havia como tentar novo resgate. O que podia ter sido feito já estava realizado. Era uma triste constatação, mas a alegria de estar vivo era maior. Ele fez o que pôde e com certeza foi além de suas possibilidades. Por duas vezes, levou o conceito de “risco” do nosso juramento a suas últimas consequências. Mais do que aquilo não era possível, era passar do risco extremo para a morte certa.

Dias mais tarde, soube que, na terça-feira, o corpo da mãe pôde, enfim, ser resgatado. Por uma triste ironia, estava posicionado embaixo do local em que trabalhou para liberar o pai. Quando pôde voltar ao seu apartamento, foi que a tristeza pela perda de um vizinho se manifestou. Um sentimento de impotência pela impossibilidade de um resgate eficaz daquela

Paulo Roberto Bornhofen

infeliz mulher faz companhia à tristeza. Por outro lado, a situação havia lhe mostrado toda a fragilidade da vida humana, bastava que o morro tivesse deslizado um pouco mais para o lado e quem teria sido atingido seria o prédio em que reside.

### ***Teimosia quase mata***

Este texto é baseado no relato do 3º Sargento Genésio sobre uma das situações que ele viveu, em 23 de novembro, durante o atendimento às vítimas da tragédia que tomaram de assalto o Vale do Itajaí.

No dia 22, com a ativação do Plano de Chamada por parte do Comando do Batalhão, o Sargento Genésio iniciou suas atividades. Devido ao grande número de deslizamentos que provocaram uma onda de destruição e algumas mortes, o Sargento em companhia dos Soldados Ricardo e Thompson passaram a percorrer os locais de maior risco para alertarem as pessoas. Era um trabalho complicado e perigoso. Tinham de transitar por áreas de risco e não bastava alertar as pessoas, muitas delas tinham de ser convencidas de que suas propriedades e suas vidas estavam em risco.

Como ainda era o início da tragédia e do socorro, a cidade não contava com equipes de especialistas para fazerem esta vistoria. Então, restou para os policiais militares mais esta função. Os técnicos da Defesa Civil eram em número insuficiente. Os policiais militares tinham que contar com sua sensibilidade para não jogarem um jogo perigoso. A orientação

era não facilitar. Se havia alguma coisa que fugisse do normal (e o que não fugia do normal naqueles dias), algo do tipo um pequeno deslizamento, uma encosta mais instável, estas coisas que não se aprende em um curso de formação para policiais militares, era sinal para orientar os ocupantes a se retirarem. Primeiro evacua, depois, quando fosse possível um técnico da Defesa Civil iria vistoriar o local.

Acontece que as pessoas não aceitam de forma tranquila uma orientação para abandonarem suas casas, que na maioria das vezes é seu único patrimônio. Mais que um patrimônio, é o seu referencial, é a sua identidade. Como deixar isso tudo para trás? Com certeza era um trabalho de certa forma inglório, mas que compensava quando avaliado pela ótica das vidas que foram salvas.

Assim foi o seu dia, até que por volta das 22:00hs do dia 23, receberam a determinação de um oficial para irem socorrer um colega PM cujo veículo estava para ser arrastado pelas águas. Chegaram ao local designado, mas não encontraram o PM. Nisto notaram uma aglomeração de pessoas e verificaram uma situação crítica.

Próximo à ponte da entrada da Rua Gustavo Budag, o ribeirão da Velha estava revolto e tinha adquirido sérias proporções com o alargamento de suas margens. O mesmo

ribeirão que na noite anterior havia castigado severamente o Quartel do 10º BPM. Diante desta situação nada agradável, verificaram que havia algumas pessoas sendo arrastadas por suas águas.

Rapidamente, os populares se encarregaram de informar que eram quatro rapazes que tentaram atravessar a ponte em duas motos e foram tragados pela violência das águas. Três deles ficaram presos a restos de que fora um outdoor. O quarto conseguiu se desvencilhar da situação e estava em local seguro.

Devido à violência das águas, a própria população pediu que os policiais militares não se arriscassem no socorro. O perigo, o risco de vida era forte. Tentaram jogar uma corda, item obrigatório nas viaturas por aqueles dias, mas os três infelizes simplesmente não tinham como se soltar para tentar agarrar a corda. A força das águas era tamanha que tinham que se prender aos restos do painel publicitário com ambas as mãos.

Não tinham outra saída, teriam que se aproximar o máximo possível para tentar laçar aqueles infelizes. Para isso era inevitável que se arriscassem enfrentando as águas. Amarraram a corda por uma de suas pontas e fizeram uma corrente humana entre os três policiais militares. O cenário era

arrepiante e em nada convidativo. Ao contrário, se fossem seguir seus instintos de sobrevivência, não fariam aquilo. Mas eram a única esperança para aqueles três insensatos. Os populares que a tudo assistiam, acharam melhor não se arriscarem, os policiais militares estavam sozinhos.

Era escuro, ainda chovia, as águas do rio traziam muito entulho e devido ao seu volume passavam por sobre a ponte em uma lâmina de cerca de um metro, e mesmo assim aqueles quatro resolveram se arriscar para atravessar a ponte e agora se encontravam naquela situação crítica. Devido aos entulhos que eram atirados diretamente contra o corrimão da ponte, a sensação era de que a ponte iria ruir a qualquer momento.

Em meio a este cenário pavoroso, conseguiram laçar um dos jovens e trazê-lo para segurança. Precisavam resgatar os outros dois com rapidez, pois o barulho na ponte mantinha acesa a certeza de que ela iria ruir levando consigo ele e os outros dois policiais militares.

Tão logo o primeiro resgatado chegou a lugar seguro, passou a integrar aquela corrente que ele havia feito com os dois Soldados. Agora estava ficando mais fácil, não apenas tinham menos vítimas para resgatarem, como agora contavam com mais um na corrente. O que complicava é que toda a operação e todo o risco que ela envolvia, teriam de ser

repetidas mais duas vezes sob a tensão do barulho dos entulhos na ponte. Era como se um aviso macabro ecoasse a cada golpe contra a ponte: - ela vai ruir, ela vai ruir, e vocês vão junto.

Conseguiram ouvir de dentro da multidão alguém gritar para que deixassem aqueles miseráveis a sua própria sorte, pois eles entraram na água por que quiseram. Naquele momento não era a hora para se discutir isso, mas um fato era certo: somente a teimosia deles era a responsável por metê-los naquela enrascada mortal. Mas, será que ele e os outros dois policiais militares não estavam sendo teimosos também? Por certo que sim! Mas a sua teimosia foi recompensada quando puderam deixar os três em lugar seguro.

Não foi o aplauso que receberam dos populares – os mesmos que achavam que não valia a pena o risco do resgate – mas sim o salvamento daqueles três irresponsáveis que fizeram com que tivessem a certeza de que aquilo tudo tinha valido a pena. Depois, ficaram sabendo que alguns daqueles jovens eram sobrinhos de um policial militar, e que estavam tentando atravessar a cidade para chegar à casa de parentes que estavam em local de risco, que pretendiam apenas prestar ajuda para estes parentes. Será que depois do susto, eles ainda estavam com vontade de atravessar a cidade?

### ***Sentimento do dever cumprido***

Este texto é baseado no relato do Sd Bruno e envolve um atendimento inusitado, excepcional mesmo quando ele e seu colega tiveram que fazer o transporte de uma medicação imprescindível da rodoviária de Blumenau até o Hospital Santa Catarina, onde uma paciente internada na UTI dela necessitava.

Nos primeiros dias da tragédia, o serviço de radiopatrulha funcionava de forma precária em razão da situação da cidade. Os deslizamentos e a enchente impediam que as viaturas se deslocassem livremente pela cidade. Muitas ruas estavam intransitáveis, tornando o acesso a certos pontos algo um tanto quanto difícil.

Foi nesta profusão de obstáculos que o Sd Bruno e seu colega, Sd Daniel, foram acionados pelo Copom para fazerem o transporte de uma medicação que havia chegado à rodoviária. A medicação deveria ser entregue no Hospital Santa Catarina e seria utilizada por uma paciente internada na UTI. O hospital estava ilhado.

Era por volta de uma hora da manhã do dia 24 de novembro, os equipamentos de resgate ainda estavam sendo

deslocados para a cidade, de tal sorte que não era possível contar com a ajuda de um helicóptero. Se bem que é questionável que naquelas condições alguma aeronave pudesse prestar qualquer suporte.

Praticamente não havia opções, ou o remédio seria entregue, ou a paciente sofreria as consequências. Após pegarem a medicação, foram em direção ao hospital até onde a viatura pudesse chegar. Pelo caminho já começaram a procurar por alguma embarcação de que pudessem fazer uso. O que viam não era animador, ou melhor, o que não viam, já que observaram nenhuma embarcação.

Lá pelas tantas encontraram um senhor com uma frágil canoa que gentilmente a emprestou aos policiais militares. O estado da embarcação não era dos melhores, seu porte era pequeno e mal cabia os dois. O proprietário da canoa não os acompanhou na aventura, eram apenas os dois acompanhados da incerteza de que a embarcação realmente suportaria a empreitada.

Com o Copom devidamente informado, embarcaram na canoa e começaram a deslocar pela Rua XV de Novembro, que estava tomada pelas águas do rio Itajaí-Açu que segue paralelo à via. O barulho da correnteza do rio a poucos metros era sua companhia. Quanto mais avançavam, maior era o

volume de água que enfrentavam, até que na altura da Praça Doutor Blumenau não foi mais possível vencer a correnteza com a embarcação.

Decidiram então abandoná-la e seguir a pé por dentro da inundação. A água chegou até a altura do pescoço. Um frio percorreu seus corpos, e não era o frio da água. Era o medo fazendo seu trabalho. Seus instintos diziam para não prosseguir e eles estavam indo contra. Em determinados momentos, atingiam terreno alto e conseguiam se livrar da água, mas logo à frente precisam encarar a inundação novamente.

Os medicamentos eram seguros como uma das mãos sobre a cabeça. Na outra mão, uma fraca lanterna tentava iluminar o caminho. O que o fraco feixe de luz conseguia iluminar era a superfície da água. Mas o que assustava estava por baixo. O que encontrariam? No que iriam pisar? Será que em algum trecho da conhecida Rua das Palmeiras o terreno não havia cedido? E se ficassem presos no meio da água e da escuridão? Medos que com toda a razão acompanhavam aqueles dois policiais em sua incursão insólita madrugada adentro. Na medida em que se afastavam do rio, apenas o barulho de seu deslocamento pelas enlameadas e

contaminadas águas da enchente se fazia ouvir. Com a enchente os sons da noite eram outros.

Lentamente, passo a passo o hospital foi se aproximando. O Hospital Santa Catarina fica localizado em um terreno elevado. Ele fica ilhado, mas não é atingido pelas águas. No dia anterior, uma barreira que cedeu nos fundos do hospital atingiu a canalização de oxigênio, mas o hospital funcionava normalmente dentro do que se pode considerar normal.

O que se passou a seguir na recepção do hospital talvez nunca mais ocorra. Os funcionários do hospital foram surpreendidos com a chegada de dois policiais militares, molhados e enlameados dos pés a cabeça. Fardados, armados e equipados, mas não estavam procurando ajuda. Tinham uma missão para concluir, faltava entregar a medicação que serviria para a paciente da UTI. Pronto! Missão cumprida! O que teria se passado na cabeça daquelas pessoas ao vislumbrarem àquela rara cena? Será que acharam que eram dois policiais militares malucos ou apenas cumpridores de seu dever? Nunca saberemos.

Dias mais tarde, o Sd Bruno começou a sentir os efeitos de sua travessia aventureira pelas águas da enchente. Seu corpo foi atacado por um organismo nocivo presente nas

Paulo Roberto Bornhofen

águas. Agora começava outra aventura para ele, ou melhor, uma aventura dupla. Vencer a burocracia e derrotar sua agressiva infecção pulmonar.

### ***Resgate inesperado***

Este texto é baseado nos relatos do Sd Luiz Antônio sobre os eventos em que se viu envolvido no dia 01/12, quase dez dias após ter início a tragédia que se instalou no Vale do Itajaí.

Instrutor policial militar Proerd, esta é a função que o Sd Luiz Antônio exerce na corporação já há alguns anos. Por isso, lida diariamente com crianças. Porém, naqueles dias de tragédia com as aulas suspensas, ele e os demais instrutores Proerd se integraram ao serviço policial no atendimento aos atingidos pela tragédia.

Suas atividades tiveram início no dia 22, e no dia 23 já aguardava na entrada de Blumenau um comboio da Polícia Militar que havia se deslocado de Chapecó, trazendo lanchas que são utilizadas nas atividades de fiscalização ambiental. Enquanto aguardavam, foram surpreendidos pela explosão do gasoduto da TGB na localidade de Morro do Baú. De onde estavam, podiam observar o clarão que pintava o horizonte com um falso pôr do sol. Não sabia ele que, passados quase dez dias, iria viver uma forte emoção com algumas das crianças do próprio Morro do Baú.

Durante aqueles dias, integrava a equipe que fazia a distribuição de gêneros alimentícios para os abrigos que a defesa civil havia montado pela cidade. Iam sempre aos de acesso mais difícil, pois usavam uma camionete 4x4. No dia primeiro de dezembro, pela manhã, percorreram a região do Bairro Progresso e da localidade de Nova Rússia. No período da tarde, resolveram levar alguns mantimentos para os abrigos próximos ao Morro do Baú.

O Morro do Baú foi o local que mais intensamente sofreu com os deslizamentos de terra. Vilarejos inteiros foram varridos, e dezenas de pessoas morreram e outras tantas estão desaparecidas. A situação chegou a tal nível de perigo, que até as equipes de resgate foram proibidas de adentrarem à região. Mas no entorno, haviam sido instalados alguns abrigos que precisavam ser abastecidos.

Já estavam acostumados com a desolação provocada pela série de destruições de casas, pontes, ruas e vidas, mas o cenário que iam vislumbrando era mais aterrador ainda. A primeira dificuldade foi encontrar um acesso livre. Todos os que tentavam estavam bloqueados, toneladas de lama misturada a restos do que um dia foi a casa de alguém, melhor dizendo, foram muitas casas de milhares de alguém, e até mesmo árvores formavam barricadas intransponíveis de

entulhos. Conseguiram apenas por uma localidade chamada de Braço do Francês. Entre as dificuldades que encontraram estavam alguns rios que simplesmente haviam mudado o seu curso. Outros tinham alargado suas margens. Era este o cenário com que se deparavam.

No caminho, encontraram uma patrulha formada por profissionais do Corpo de Bombeiros de São Paulo, que vistoriavam o terreno. No ar, inúmeros helicópteros faziam voos rasantes, ainda procurando vítimas, ou transportando geólogos que duas vezes ao dia vistoriavam as inúmeras fendas e fissuras que brotavam no terreno e que eram ameaças mortais. O emprego de helicópteros era fundamental e foi maciço. De todo o Brasil, várias instituições, quer sejam policiais ou bombeiros, enviaram suas aeronaves para socorrer o Vale, naquela que ficou conhecida como a maior operação aérea da história do Brasil no que se refere à defesa civil. Qualquer alteração em alguma daquelas fendas podia representar o deslizamento de encostas inteiras, o que só aumentaria os números da tragédia.

Finalmente chegaram ao abrigo. Entre as dezenas de pessoas, havia uma senhora com a perna engessada e muitas crianças. O abrigo estava localizado próximo a alguns morros onde foram notadas importantes rachaduras, o que justificava a

vistoria realizada pelo Corpo de Bombeiros. Foram informados de que algumas daquelas fissuras haviam sido notadas naquele dia por uma equipe a bordo de um dos helicópteros. O abrigo precisava ser evacuado. Para piorar a situação, a chuva voltou. Começou com uma garoa e estava ganhando volume. O perigo era real, não era mais uma hipótese, era sim, uma situação crítica. Precisavam evacuar o abrigo, não havia outra opção.

Rapidamente, várias aeronaves se dirigiram ao local e estabeleceram como que uma ponte aérea de resgate. Porém, algumas pessoas resistiam, não queriam abandonar o lugar. Outras simplesmente se recusavam a entrar nas aeronaves. Muitas daquelas pessoas haviam perdido familiares, sendo que em muitos casos nem foi possível realizar o resgate dos corpos para que se procedesse ao devido sepultamento. Mesmo aquelas que tinham tido apenas perdas materiais estavam muito abaladas, pois haviam perdido amigos. Por isso, muitas pessoas não queriam, em hipótese alguma, deixar aquele lugar. Já haviam sofrido demais e o abandono do abrigo representava um sofrimento adicional, pois iriam deixar para trás tudo o que tinham. Partir era abandonar um sonho, uma esperança, um futuro.

Na tentativa de convencerem os ocupantes do abrigo da gravidade da situação foi feito um voo sobre as fissuras com dois dos desabrigados. Mesmo assim, não havia unanimidade, alguns ainda insistiam em ficar. Foi quando veio a inspiração. “Deixem pelo menos levarmos as crianças”, foi este o apelo feito pela equipe de policias militares. Funcionou! Os resistentes cederam, iriam sair, não se permitiam abandonar suas crianças, muito menos submetê-las a um risco de vida tão presente. Mas ainda existiam os que se recusavam a deixar o local fazendo uso das aeronaves. Para estes, foi organizada uma caravana, já que alguns veículos, inclusive de moradores do local, se juntaram à viatura e todos puderam ser conduzidos para um abrigo mais seguro.

Tão logo conseguiram alcançar um lugar seguro, a chuva engrossou e tornou-se torrencial. O Morro do Baú ainda iria sofrer mais. Nos dias seguintes, pessoas iriam perder a vida naquele lugar, vitimas de novos deslizamentos. Até mesmo o trabalho das equipes de resgate envolve sérios riscos. Muitos locais ainda estão isolados e seus moradores proibidos de retornarem para o que sobrou de suas propriedades. Qual será o destino daquele lugar e daquelas pessoas? Ainda não se sabe. Será que aquelas crianças, resgatadas, terão motivação para seguirem os passos de seus antepassados, que

Paulo Roberto Bornhofen

vislumbraram naquele belo lugar, conhecido como Morro do Baú, o lugar propício para construírem seu futuro? O futuro é incerto. Tão incerto quanto foi o desfecho daquela missão, que começou como uma entrega de alimentos e terminou com o resgate de sessenta e duas pessoas.

### ***Isolado***

Este texto é baseado no relato do Sd Bastos sobre a situação que viveu durante a catástrofe que se abateu em Santa Catarina, em fins de novembro de 2008. Momentos em que mesmo isolado na comunidade em que mora era o estado presente.

O Sd Bastos é novo na carreira policial militar, tendo menos de cinco de anos de serviço. Reside em uma localidade conhecida como margem esquerda. É a outra margem do rio Itajaí-Açu e faz uma ligação secundária entre Blumenau e Gaspar, mais precisamente na Rua Silvano Cândido da Silva, local em que houve mortes durante a tragédia.

Já na noite do dia 22 para 23 de novembro houve os primeiros deslizamentos naquela região. No dia 23, é procurado por alguns moradores que sabiam que ele era policial militar. Ocorre que a casa em que vive com sua esposa começa a ser atingida pelas águas. Diante do quadro nada reconfortante que começa a se desenhar, resolve fazer uma avaliação da situação e verifica que a localidade já estava isolada. O asfalto havia cedido em alguns trechos indo em

direção ao rio. Em outros, barreiras haviam deslizado sobre a pista levando consigo toneladas de barro, pedras e árvores.

Foi feita uma reunião na associação de moradores onde constatou-se que várias casas estavam atingidas, mas até aquele momento não havia qualquer pessoa ferida. Entre os problemas identificados, havia uma senhora que estava ficando sem suprimento de oxigênio necessitando a troca do cilindro. Com o isolamento provocado pelos deslizamentos, a região ficou sem telefone e mesmo com o celular não conseguiam contato quer seja com a PM, Bombeiros ou Defesa Civil.

Alguns populares conseguiram, através da utilização de motosserras, abrir uma trilha, bastante precária, em uma das barreiras. No dia seguinte, o Sd Bastos seguiu a pé através desta trilha, por alguns quilômetros até que consegui uma carona onde alcançou a sede da 7ª Região de Polícia Militar, local em que havíamos montado o nosso posto de comando. Na 7ª Região, ele me explicou a situação e providenciamos mantimentos bem como o suprimento de oxigênio na menor garrafa possível.

Quando o primeiro helicóptero conseguiu pousar e deixar um suprimento de alimentos e água, este suprimento foi rapidamente recolhido pelas pessoas que chegaram primeiro e não necessariamente por aqueles que efetivamente

precisavam deles. Em razão disso, é que o Sd Bastos executou sua travessia por entre os escombros.

Suprimento de alimentos e água garantido, bem como a tão preciosa garrafa de oxigênio providenciada, era preciso fazer o caminho de volta. Agora as viaturas da PM conduziram o solitário soldado até o mais próximo possível das barreiras. Lá, alguns moradores, previamente selecionados, portanto de confiança já aguardavam para fazerem o transporte da preciosa carga. O cilindro de oxigênio foi cuidadosamente transportado, através da trilha aberta entre os escombros, nos ombros do PM, para a alegria da senhora que tanto dele necessitava.

Tais mantimentos foram levados para a associação de moradores e lá foram entregues àqueles que mais precisavam que já haviam sido previamente selecionados. Enquanto o Soldado Bastos se deslocou, a própria comunidade se organizou e fez a identificação daqueles mais necessitados. Agora havia sido estabelecida uma ligação por terra o que iria garantir futuros abastecimentos, diminuindo consideravelmente a dependência dos helicópteros.

Na quinta-feira, foi aberta uma picada suficiente para a passagem de motos. Novamente, se deslocou até o Comando da 7ª Região e conseguiu uma moto com a qual passou a

realizar o serviço de patrulhamento. Por incrível que possa parecer, mas mesmo nestes momentos o “amigo do alheio” está atuante e visitou algumas propriedades. Além do cuidado com as forças da natureza que ainda castigavam a região, as pessoas tinham que manter a guarda para afastar possíveis arrombadores.

Desta forma, o isolado Sd Bastos incorporava mais uma atividade em seus afazeres. Tinha que se empenhar para minimizar a dor daquelas pessoas mantendo afastados os criminosos, aqueles que agem por oportunidade.

Passadas duas semanas, as chuvas já amenizavam sua súplica sobre a sofrida população, mas o perigo ainda era presente e iminente. O terreno estava instável, a qualquer momento poderia haver novos desmoronamentos. Algumas pessoas viram na suavizada das chuvas uma falsa segurança e mesmo diante de avisos e pedidos, um casal de idosos resolveu voltar para sua residência. Já estavam a alguns dias abrigados na casa de filhos e entenderam que era chegado o momento de retornarem para sua propriedade.

Ao chegarem, avaliaram que a casa, a sua morada de tantos anos apresentava perigo podendo ser atingida por algum deslizamento de uma pequena colina situada logo atrás. Pensando assim, refugiaram-se em uma edícula existente na

propriedade e a tragédia novamente visitou o vale. Um desmoronamento atingiu justamente esta edícula que servia como abrigo e que o casal havia eleito como seu refúgio seguro. Ambos tiveram suas vidas ceifadas. Este fato abalou profundamente a comunidade, pois estas mortes fizeram com que a certeza do perigo voltasse com força total. O recado era simples: o perigo ainda não havia passado e iria demorar muito a passar.

### ***No centro da catástrofe***

O texto a seguir é fruto do depoimento do Sd Ferreti morador da localidade de Baú Central no município de Ilhota, que é o local onde a tragédia mais causou danos e mortes. O Sd Ferreti nasceu, cresceu e ainda hoje mora na localidade do Baú. Apenas no Braço do Baú, treze dos mortos eram conhecidos seus.

No sábado pela manhã, dia 22 de novembro, a localidade do Morro do Baú e suas cercanias já sentiam o peso das águas que caíam por mais de três meses em toda a região. Logo pela manhã, uma das barreiras que caíam atingiu sua residência. Por sorte os danos foram pequenos. Mas foi um prenuncio de que algo muito grave estava por vir.

O sábado passou daquele jeito, com muita chuva, barreiras caindo e muita água descendo pelo morro. No domingo, a situação se agravou e em alguns lugares teve que fazer desvios para que a água que descia não causasse maiores estragos. Na segunda pela manhã, foi procurado por um vizinho que lhe pediu ajudar para retirar os móveis da casa, já que ela estava em risco. Quando chegaram na casa, já não

foi mais possível ter acesso a ela, de modo que os móveis ficaram.

Ainda no domingo, chegaram as primeiras notícias de mortes provocadas por desabamentos. A localidade já estava isolada e em um deslizamento quatro de seus vizinhos perderam a vida. Sem ter como fazer a remoção dos corpos, entrou em contato com o Delegado da Delegacia de Polícia da Comarca de Gaspar que orientou quanto aos procedimentos, ou seja, deveriam identificar os corpos e providenciar os sepultamentos. Os corpos eram velados na igreja do Baú e sepultados no cemitério próximo à igreja. Ajudou os familiares na preparação dos corpos, auxiliando a lavagem dos mesmos e a devida colocação nos caixões.

Mais tarde, recebeu a notícia de mais cinco mortos na localidade de Braço do Báu. Devido as barreiras, conseguiu chegar apenas na segunda-feira e todo o ritual de identificação e preparação dos corpos foi repetido. Os familiares faziam caixões improvisados com madeira de pinus. Como no local a atividade madeireira tem certa presença, não houve grandes dificuldades para providenciarem os caixões. Novamente, uma lista com o nome dos mortos e sepultados foi providenciada. Tudo foi encaminhado mais tarde para a Delegacia.

Na terça-feira, os primeiros helicópteros começaram a chegar. A prioridade foi dada para a remoção dos feridos. Após os feridos serem removidos, os helicópteros passaram a fazer a retirada das pessoas em duas comunidades que estavam isoladas e em perigo devido às barreiras que ameaçavam cair. A primeira patrulha de policiais militares só conseguiu atingir a localidade na quinta-feira e fizeram o deslocamento por terra.

Uma das situações mais terríveis que o Sd Ferreti enfrentou foi quando na segunda-feira um dos moradores que trabalhava com um caminhão e estava fora de casa, ao retornar, a pé, já que nem caminhão tinha acesso, passou em sua casa para saber se estava tudo bem. Com o Sd Ferreti e sua família estava, mas com a família deste senhor não. As primeiras informações davam conta da morte de vários de seus familiares, que moravam todos perto, incluindo a mulher e o filho. Como não tinha certeza da informação, achou por bem não falar nada. Mais tarde, a informação foi confirmada, com a morte de cinco familiares. Morreram a mulher e os dois filhos, sua mãe e uma sobrinha. A mãe deste senhor foi um dos quatro corpos encontrados próximos a casa do Sd Ferreti e que ele ajudou no sepultamento. O mais terrível é que a esposa e um dos filhos foram localizados somente após o Natal. Esta situação foi amplamente divulgada na mídia nacional.

Outra situação que foi bastante divulgada na mídia foi a da modelo cujo “book” foi encontrado na lama por uma equipe de TV. Esta família é muito amiga sua. A casa deles era uma das mais seguras do local, pois se encontrava a certa distância dos morros. Em razão disso, dezoito pessoas nela se abrigaram. Mas a força da terra que deslizou foi tão grande que atingiu a casa, destruindo-a e matando cinco de seus ocupantes.

Com o drama semeado nas diversas localidades que formam o Morro do Baú e a dificuldade em acesso à área, a própria comunidade teve que buscar forças para se organizarem e iniciarem o trabalho de desobstrução dos acessos para que os veículos de resgate e com mantimentos pudessem chegar. Foi um esforço coletivo em que cada um disponibilizava o que pudesse. Assim, montaram uma força tarefa com tratores, motosserras e outros equipamentos, tanto agrícolas como industriais e muita força de vontade. Mesmo que precariamente, muitos acessos foram liberados. Já outros eram simplesmente impossíveis, somente com maquinário pesado para darem conta.

Na sexta-feira, auxiliou um maquinista na remoção de uma barreira. Durante a noite, com a continuidade das chuvas, nova barreira caiu, bem no local em que haviam trabalhado,

soterrando duas casas. Todo cuidado era pouco. Um perigo mortal ali estava presente e dava mostras de não querer abandonar o lugar tão cedo.

É nestes momentos que a solidariedade das pessoas mais se manifesta. Na localidade é comum o uso de um pequeno transporte que é carinhosamente chamado de “jibata”, uma mistura de Jeep com o trator Tobata. É um veículo de produção artesanal que circula apenas na zona rural. Mas quase todos os produtores agrícolas tem o seu. Naqueles dias o “jibata” mostrou sua bravura e em certos momentos chegaram a se formar verdadeiros comboios de “jibatas”. Comboios de solidariedade.

### ***Um resgate e muita tristeza***

Este texto é baseado no relato da experiência vivida pela Sd Kuritza do 10º BPM na noite de 22 de novembro.

Naquele dia, o Sd Kuritza havia assumido o serviço de manhã, por volta das 07:00h, como motorista do Oficial Comandante do policiamento. O dia mostrou-se tenebroso. As chuvas que castigavam o Vale haviam se tornado mais vigorosas. Durante todo o dia, choveu torrencialmente. Nos deslocamentos pela cidade, era possível observar alguns pequenos desmoronamentos. Pelo rádio, o Copom (centro de operações policiais militares) constantemente deslocava as viaturas para atendimento de ocorrências do tipo Auxílio, ou seja, ocorrências que não são características da atividade policial.

Todo o dia transcorreu daquela maneira, até que no meio da tarde o Comandante do Batalhão determinou que fosse acionado o plano de chamada, fazendo com que todos os policiais militares tivessem que se apresentar no Batalhão. Vários se apresentaram, gerando certa movimentação, mas como as previsões não apontavam para enchentes, e águas do

ribeirão da Velha começavam a recuar, o efetivo foi desmobilizado com a dispensa dos policiais militares.

Por volta da meia-noite, houve um pedido de apoio por parte de uma viatura que se encontrava no bairro Itoupavazinha. Informava que havia ocorrido um grande desmoronamento com várias pessoas soterradas e o local era de difícil acesso. Saíram do quartel, ele e o Major Dinoh, que é o subcomandante do Btl. Dias mais tarde, o Major Dinoh recebeu sua promoção ao posto de Tenente Coronel. Em razão dos trágicos acontecimentos, não houve a tradicional formatura militar e a promoção se deu em gabinete.

Mesmo estando em uma viatura 4X4, o deslocamento foi difícil, as chuvas não davam trégua, e os deslizamentos de terra haviam aumentado. Foi assim, em meio a este estado de pré-calamidade, que conseguiram chegar ao local em que tinha ocorrido o desmoronamento. O caos, que se tornaria tão comum naqueles dias, ali já havia se instalado. O acesso estava bloqueado e tiveram que dar a volta, procurar uma rota alternativa, para poderem se aproximar do local em que as pessoas estavam soterradas. Após rodar por algumas ruas, finalmente chegaram.

Um volume muito grande de entulhos estava diante deles. Não dava para identificar que tipo de edificação havia

desabado, tal o estado em que se encontrava, mas ela estava localizada atrás de um pequeno edifício. Algumas pessoas tentavam, em vão, escavar os entulhos na direção dos gritos desesperados de socorro que formavam eco naquela noite macabra. A terra continuava e se movimentar, literalmente escorria morro abaixo em pequenos deslizamentos que agravavam a situação das vítimas e colocava em risco direto a vida daqueles que tentassem qualquer tipo de resgate.

Conseguiram uma corda que trataram de prender uma de suas extremidades. Era a segurança, aliás a única, que tinham para conseguirem sair dali. Entenderam que a melhor forma de acesso era atacar o monte de escombros de cima para baixo e, não, escalando-o. Portanto, teriam que chegar até ele através do que sobrara do morro. À medida que iam avançando, amarravam a corda nas árvores para ganharem um apoio. Seus esforços eram frenéticos e desgastantes, pois os gritos de socorro não davam trégua, assim como a chuva que continuava a cair, tornando o solo mais lamacento. Aqueles gritos incomodavam à medida que criavam uma situação de impotência diante das dificuldades em progredirem naquele tipo de terreno. Além da chuva e da lama, já que a terra estava se desfazendo, os constantes deslizamentos lembravam a toda hora que a qualquer momento os integrantes

do resgate poderiam se tornar vítimas. Para potencializar os perigos havia, ainda, a ameaça da rede de energia elétrica que não sabiam se estava ou não energizada.

Mas, como os gritos de socorro não paravam, continuaram avançando até que finalmente chegaram ao local em que se encontrava uma mulher. Estava presa da cintura para baixo. Com muito esforço, conseguiram liberá-la e começaram o caminho de volta. O retorno foi penoso, pois a vítima não queria sair. A corda foi fundamental como apoio e guia. Devido ao estado em que a vítima se encontrava, ela não conseguia prestar informações coerentes sobre os demais, apenas gritava que tinha mais pessoas soterradas, familiares seus que ainda estavam sob o monte de terra e destroços.

Foi quando ele se deu conta de que a única voz que vinha dos escombros era daquela mulher. Os demais que estavam soterrados não emitiam qualquer sinal, não gritavam, sequer gemiam. Com muito esforço, conseguiram concluir a operação de resgate. Naquelas alturas, uma viatura do Corpo de Bombeiros já se encontrava no local e prestou auxílio para o encerramento do resgate, conduzindo a vítima para um dos hospitais. Os vizinhos que ficaram, reforçaram os temores daquela mulher ao afirmarem que realmente mais pessoas estavam sob os escombros do que outrora foi uma morada e

que agora, misturada com a lama, havia se tornado uma armadilha mortal. Pelo que puderam constatar, haviam ficado soterrados o marido, a irmã e os filhos da vítima.

O que fazer? Constataram que rapidamente a situação do solo se deteriorava, o perigo era real e imediato. Quem permanecesse no local, com certeza seria tragado pela próxima avalanche de lama, que pelo visto não demoraria. Isolaram o local. Agora era esperar a situação melhorar para providenciar o resgate dos corpos. Nada mais podia ser feito. Aquelas vítimas fatais iriam se somar às mais de cem que iriam perder suas vidas naquela sequência de eventos sangrentos que iria permanecer como que habitando o Vale por mais alguns dias.

Na manhã do dia seguinte, o Sd Kuritza e seus familiares travaram uma luta inglória contra as águas. Ele teve sua casa totalmente tomada pelas águas, sofrendo grandes prejuízos financeiros. Ao deixar o quartel, teve grandes dificuldades em conseguir chegar até sua casa. Pelo caminho, existiam muitos escombros provenientes dos inúmeros deslizamentos, bem como grandes extensões de estradas e ruas cobertas pelas águas. Mais entulhos e dificuldades pelo caminho, caminho que o conduzia até a sua casa na vizinha cidade de Gaspar.

Chegar a casa não era uma questão de opção, mas sim de necessidade, pois já havia sido informado de que as águas a haviam atingido. A lembrança do resgate da noite anterior era sua companhia. Companhia incômoda, mas que ao mesmo tempo funcionava como um motivador quando teve que enfrentar as águas que alagavam a sua rua. Após vinte e quatro horas de serviço, e um percurso cheio de armadilhas, o Sd Kuritza quando chegou na rua em que reside, se deparou com a mesma tomada pelas águas. Não tinha outra solução para chegar a casa a não ser percorrer o trajeto de quase um quilômetro, o último quilômetro, a pé, por dentro da água. Sem ter como abandonar os equipamentos, começou sua caminhada. Em determinados trajetos, a água chegou à altura do seu peito. O coturno e principalmente o colete balístico ganhavam peso com a força das águas combinadas com as vinte e quatro horas de serviço. Não podia desistir e não tinha como contornar. Pelo caminho, algumas pessoas abrigadas em locais mais altos estranhavam a figura daquele PM que avançava pela rua alagada. Por fim chegou. Agora, ele e sua família se somavam aos milhares de desabrigados.

### ***Um presente de natal impossível***

Este texto é fruto do relato do Cabo Franzoi que atua no Pelotão da cidade de Gaspar e que foi um dos primeiros que chegou na localidade de Baú, o local que mais fortemente sentiu as forças da tragédia.

O Cb Franzoi já tem experiências em eventos desta natureza. Na enchente de 1983 que atingiu Blumenau, ele era um Aluno Soldado, ou seja, estava em formação. Na enchente de 1984, que novamente castigou nossa região, já era um Soldado da PM catarinense. Em todas as duas situações, ele atuou, e agora pôde empregar sua experiência.

Na sexta-feira anterior ao início da tragédia, o Cb Franzoi saiu de serviço e foi para Florianópolis onde reside sua família. Com a ativação do plano de chamada, situação em que todos os policiais militares devem retornar imediatamente aos seus quartéis o Cb Franzoi simplesmente não conseguia chegar a Gaspar, as vias estavam interrompidas. Na terça-feira, com a ajuda de uma retroescavadeira conseguiu finalmente atingir a cidade de Ilhota. Conseguiu contato com o Tenente Comandante do Pelotão de Gaspar que determinou que o

mesmo permanecesse na cidade, pois a grande maioria dos policiais de Ilhota havia sido atingida e não estavam em condições de trabalhar.

Com o apoio de aeronaves deslocou-se à localidade de Baú. Entre um resgate e outro e a troca de aeronaves acabou dividindo o espaço com uma equipe de TV em que estava um ator, que por razões óbvias seu nome não será revelado. Mas um fato chamou a atenção do Cb, o estado emocional do tal ator. Disse-me o Cb que o mesmo não conseguia reagir. A realidade é muito diferente da fantasia.

Munido de um rádio, que fazia parte de um improvisado “kit” o Cb conseguia, precariamente, se comunicar com a central da 7ª Região, onde estava o nosso comando. Tive a oportunidade de atendê-lo em algumas destas comunicações.

Uma das situações que mais chamou a atenção foi o medo que as pessoas apresentavam para embarcarem nos helicópteros. Em uma das situações, cedeu seu lugar na aeronave para um dos resgatados e ficou no Baú. Havia muitas pessoas que não queriam deixar suas casas e o Cb Franzoi fazia o trabalho de convencimento destas pessoas e as encaminhava para o local em que seriam resgatadas.

Em suas andanças pela localidade, acompanhando grupos de bombeiros ou outros por várias vezes foi abordado

por moradores que informavam locais em que corpos estavam soterrados. Naquele momento, a prioridade era o resgate dos vivos e quando possível os locais dos corpos eram marcados. Futuramente, outros grupos se encarregariam de fazer o resgate daqueles corpos para a devida identificação e o respectivo enterro.

A localidade do Baú é zona rural do município de Ilhota, portanto, grande parte de seus moradores são produtores rurais possuindo alguns animais, tais como bois, cavalos, ovelhas, aves, cães e outros. Animais que protagonizaram dramas que se somaram aos dramas humanos. Muitos animais foram simplesmente abandonados por seus proprietários, algo plenamente justificável, já que estavam lutando pela vida. Em alguns casos, os animais foram deixados presos. Alguns por serem brabos e outros para que seus donos pudessem resgatá-los ao retornarem. Havia ainda a situação em que os donos haviam morrido.

Sem ter como providenciar alimentos para estes animais que eram encontrados à medida que iam visitando as propriedades a solução encontrada foi a da simples libertação dos mesmos. Em alguns casos, era possível transferir, informalmente, a guarda dos animais para alguns moradores que insistiam em ficar na localidade.

Não foi uma tarefa fácil. Alguns animais estavam desesperados de fome e houve até o caso em que um enorme e feroz cão avançou contra umas galinhas que haviam acabado de ganhar a liberdade. Era a lei do mais forte, em que os que estão no topo da cadeia alimentar levam vantagem.

Uma das situações mais marcantes foi a de um cão, que pelo comportamento demonstrava ser um animal feroz que ao ser libertado adotou um comportamento passivo passando a acompanhá-lo. Em outra situação, ao reunir um bezerro e sua mãe, foi atacado pela vaca, levando uma violenta cabeçada que por sorte não o feriu.

Na verdade, estes foram dramas menores, mas que mostram um lado da tragédia pouco conhecido. Os grandes dramas o Cb Franzoi vivenciou quando precisou auxiliar na remoção de alguns corpos e o resgate de uma criança. Foi chamado a atenção por um corpo que vinha sendo carregado por entre os escombros em uma mistura de água e lama, mais lama do que água. Pela superfície daquele lodaçal se deslocava um corpo de criança, que imediatamente se lançou em sua direção agarrando-o pelo braço, mas como estava molhado escorregou. Em mais uma tentativa, conseguiu segurá-lo pelo pé e arrancou-o da lama. Uma das pessoas que o acompanhava, jogou-lhe uma corda que permitiu que o

resgate tivesse sucesso. Para surpresa de todos aquela criança estava apenas desacordada, não era um corpo inerte como havia pensado. Em menos de dez minutos, ele era conduzido por um helicóptero onde seria encaminhado para os devidos cuidados médicos.

Outra situação marcante foi quando realizava rondas em um colégio avistou uma menina. A criança estava bastante triste e sozinha. O Cb Franzoi se aproximou e tentou puxar uma conversa. Como o Natal estava próximo, apelou pelo espírito natalino e perguntou o que a menina gostaria de ganhar. A resposta foi simples: eu quero ganhar a minha mãe de volta. Infelizmente, a menina era uma das órfãs da catástrofe. Os dias passados em meio às agruras da tragédia não conseguiram preparar o Cb Franzoi para este tipo de situação. Simplesmente não havia resposta.

### ***O sonho levado pelo desmoronamento***

Este texto é baseado no depoimento do Sargento Ironi que teve sua residência duramente atingida por um dos mais de três mil deslizamentos que atingiram Blumenau durante a tragédia de novembro de 2009.

O Sgt Ironi estava com a família participando das celebrações do aniversário de sua mãe na cidade de Doutor Pedrinho, no dia 22 de novembro, quando por volta das 18:00hs foi avisado por policiais militares de que havia ocorrido um deslizamento atrás de sua residência. Como achou que era pouca coisa, não deu muita importância.

No dia 23, pela manhã, a situação mudou. Ele ainda continuava em Doutor Pedrinho, resolvera esticar o fim de semana. O telefonema de um vizinho deu a real dimensão dos fatos. A tragédia que tomava corpo naquelas primeiras horas tinha sido impiedosa com seus amigos. Um deslizamento havia atingido várias residências destruindo duas delas por completo e levado a vida de cinco dos seus vizinhos.

Ciente da gravidade dos fatos e temendo pela segurança de seu imóvel, rumou em direção a Blumenau. Quando chegou em Benedito Novo não havia passagem, as cheias do rio havia

interrompido o trânsito. Teve de retornar. Ficou em contato com a Delegacia de Doutor Pedrinho e por volta das 15:00hs foi informado de que já havia passagem. Deslocou-se, conseguindo chegar até a cidade de Timbó onde uma barreira impedia a passagem.

Fazendo uso de desvios conseguiu, finalmente, chegar até sua residência. O cenário era desolador. A Defesa Civil havia interditado a área. Muitas casas de conhecidos seus estavam completamente destruídas. Ninguém podia entrar no local. Conseguiu abrigo na casa de um conhecido. As chuvas não cessavam e eram cada vez mais fortes. Por volta das 23:00hs, houve a grande explosão do gasoduto Bolívia-Brasil. De onde estava não dava para saber ao certo o que tinha ocorrido, apenas ouviram a explosão e podiam ver o clarão que era alimentado por ela. Ligou para os bombeiros para comunicar o fato, achando que a explosão fosse em alguma indústria. Somente depois é que souberam que na verdade a explosão tinha sido no gasoduto.

Por volta das 03:00hs, quatro novas residências próximas foram atingidas por um outro deslizamento. Mais destruição e desespero. Estas residências ficavam próximas de onde havia procurado e encontrado abrigo. Com o barulho foi para rua e pôde ver a terra lentamente levando as moradias. Levou cerca

de dez minutos para que a avalanche de terra se acomodasse. Devido à escuridão provocada pela falta de energia, achou que uma das casas era a sua. Uma mistura de medo e angústia tomou conta de si. Somente por volta das 06:00 horas com as primeiras luzes do dia pôde ver que não, que a sua casa ainda resistia.

Quando soube da identidade dos vizinhos mortos, teve uma terrível surpresa. Entre eles estavam duas crianças, uma de nove e outra de doze anos. Ambas costumavam brincar à sombra de um pé de jabuticaba que ficava em sua propriedade. Entre as inúmeras residências atingidas em seu loteamento duas eram de colegas de farda, os Soldados Olevi e Feltrin também haviam tido suas moradias seriamente danificadas.

Na terça-feira, houve uma liberação emergencial para que pudesse ter acesso à área interdita. Coisa muito rápida, apenas para tentar salvar alguns pertences. Conseguiu retirar boa parte da mobília. Crê que a residência para poder ser usada novamente terá que passar por sérias reformas, isto se não for condenada em definitivo pelas autoridades da Defesa Civil.

O Sargento Ironi já está quase indo para a reserva remunerada. Ingressou na corporação como Soldado, com o tempo fez o curso de Cabo e recentemente foi promovido a

Paulo Roberto Bornhofen

Sargento. Com sacrifício construiu uma bela residência. Chegou a comentar comigo que viu cada tijolo ser assentado, e por isso, por muitas vezes ia até o local próximo a sua residência e ficava observando a mesma. Sua filosofia era a seguinte, como eu a vi ser erguida e se ela vai desabar eu quero estar presente, não posso me furtar desta situação! A angústia continuou acompanhando-o enquanto a chuva insistia em cair, pois a cada momento sua casa poderia ruir com o peso da terra que se avolumava nos seus fundos, levando consigo o sonho de uma vida.

### ***Menti! Por uma boa causa***

Texto baseado no relato da Sd Belli sobre sua experiência no resgate de um senhor cuja alternativa encontrada foi uma merecida mentira.

Todo mundo sabe que policial militar não deve e não pode mentir. A credibilidade da instituição perante a sociedade ficaria comprometida se fosse aceitável a prática da mentira. Imaginem perante a justiça. No dia de um julgamento, o policial militar ter o seu depoimento desacreditado em razão de ter incorrido na prática da mentira.

Entre os valores que são cultivados dentro da corporação está o amor a verdade. Tanto que uma das transgressões que tem uma das punições mais graves, previsto no nosso Regulamento Disciplinar, é justamente faltar com a verdade. Existem as exceções, nem tudo é ferro e fogo. Como diz a voz do povo, o que é uma mentirinha quando bem contada?

Nos primeiros momentos de atendimento, as vítimas da catástrofe, a Sd Belli, que é auxiliar da Seção de Planejamento, se incorporou a uma das inúmeras guarnições. O serviço era

muito variado, mas consistia basicamente em prestar socorro às pessoas.

Como as instalações do 10º Batalhão tinham sido atingidas, a cozinha foi transferida, como de costume, para o Colégio Victor Hering. Este colégio funciona como um dos inúmeros abrigos que são montados em Blumenau, como parte do plano de Defesa Civil.

Chegando ao Colégio para o almoço, a Sd Belli e seus colegas Sd Bonanoni e Sd Martinez foram abordados por uma das coordenadoras do abrigo que os levou até uma senhora já bastante idosa. Esta senhora estava chorando e comunicou aos policiais que seu marido, também, com a idade bastante avançada se recusara a deixar a residência. Ela estava preocupada porque onde residiam era uma área de risco e uma árvore já havia caído sobre a casa, o que a motivou a abandonar a casa.

A senhora pediu muito que os policiais trouxessem o seu marido para o abrigo, pois ela temia por sua vida. Deixando o almoço para depois, rumaram em direção ao local informado. Quando iam saindo à senhora, ainda, pediu que salvassem seus gatinhos também. Não foi possível chegar com a viatura na residência, pois a rua já estava interditada. Desmoronamentos estavam impedindo o trânsito além de que

pelo estado do local e pela chuva que caía era bem provável que novos desmoronamentos viessem a ocorrer. A maioria dos moradores já havia abandonado o local.

Conseguiram chegar na casa passando por entre muita lama e entulhos e lá chegando a situação que encontraram era desoladora. Era uma casa simples, uma meia-água de madeira. Era possível ver o estrago provocado pela árvore que atingira a casa. Ao redor, muitas casas ameaçavam desabar. A casa estava alagada, a árvore abrira um buraco no telhado e chovia muito lá dentro. Os móveis haviam sido removidos, não havia comida, apenas algumas roupas molhadas amontoadas pelo chão e em meio a tudo isso a figura daquele ancião completava um quadro desolador.

Ao avistarem o senhor, avaliaram que ele deveria ter mais de 80 anos e andava amparado por duas bengalas, agindo como um guardião do patrimônio que ainda restava. Todas as tentativas de convencimento falharam. Algumas vizinhas, que ainda permaneciam no local, tentaram em vão ajudar os policiais no convencimento. O senhor estava irredutível, não iria deixar sua propriedade.

Diante deste quadro, surgiu a ideia de aplicarem uma bem intencionada mentira. Quem melhor para fazer isso senão uma policial? Foi então que a Sd Belli disse ao senhor que na

verdade sua esposa estava passando mal, que tivera problemas de pressão havendo a necessidade de atendimento médico.

Relutando muito ele aceitou, mas como uma condição, ele iria fazer uma visita apenas a sua esposa e depois os policiais militares deveriam trazê-lo de volta. Proposta feita, proposta aceita. O que importava era tirar aquele senhor dali, antes que ele viesse a aumentar as estatísticas dos atingidos pelos deslizamentos.

Como estavam com uma viatura Kombi e o senhor apresentava dificuldades de locomoção tiveram que ajudá-lo a entrar na Kombi. Quando chegaram de volta ao abrigo, e a senhora viu seu marido, ela abriu um largo sorriso. Sem querer incorrer em pieguices, mas dá pra imaginar o reencontro de um casal, que, pela idade, deveriam ter mais de 50 anos de convivência. A senhora estava feliz da vida, como se diz.

Metade da missão estava cumprida. Agora faltava a outra, fazer com que ele ficasse no abrigo. Era a hora da segunda mentira. Alegando que precisavam atender a outra ocorrência despediram-se do casal, dizendo que voltariam assim que possível. O senhor, imediatamente, sentiu o que estava acontecendo, ou seja, os policiais militares não iriam levá-lo de volta. Imediatamente, seus olhos se encheram de

lágrimas e ele foi firme ao dizer que não queria abandonar sua residência, queria voltar.

Não era o momento para discussões, os policiais simplesmente se afastaram deixando o casal a salvo. No dia seguinte, ao retornarem para o almoço reencontraram o casal. Diferentemente do que podiam imaginar o senhor estava bem, provavelmente já havia aceitado que o melhor havia sido feito.

No dia seguinte, a Sd Belli retornou para o serviço administrativo e não teve mais notícias do casal. Recentemente, ao passar pela residência, viu que estava sendo construída uma nova, de material, em seu lugar. Achou melhor não perguntar pelo que havia acontecido com a anterior.

### ***Algumas informações sobre a catástrofe***

De acordo com a Defesa Civil do Estado de Santa Catarina, foram contabilizadas 136 mortes no estado, sendo que duas pessoas ainda se encontram desaparecidas. No município de Ilhota uma criança de 11 meses está desaparecida e na cidade de Gaspar uma senhora de 79 anos se encontra na mesma situação.

Nem todos os mortos foram devidamente necropsiados pelo Instituto Geral de Perícias. Devido à dificuldade de remoção de alguns corpos e aos efeitos da decomposição que os mesmos começavam a sofrer, os próprios familiares providenciaram o sepultamento comunicando o fato posteriormente as autoridades.

Foram registrados 9.390 pessoas desalojadas e outras 2.637 desabrigadas, em Blumenau.

Até abril de 2009 o valor arrecadado em doações nas contas da Defesa Civil era de R\$34.180.756,81 (trinta e quatro milhões, cento e oitenta mil, setecentos e cinquenta e seis reais e oitenta e um centavos).

Conforme a Prefeitura Municipal de Blumenau, ocorreram na cidade mais de 3.000 (três mil) deslizamentos, o que

Paulo Roberto Bornhofen

acarretou na obstrução de cerca de 2.000 (duas mil) vias municipais.

Leia a íntegra da Portaria do Comando Geral da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina que restringiu a presença de estranhos em áreas atingidas:

**PORTARIA N º 816 de 25 de novembro de 2008**

Dispõe sobre atuação e controle por parte da Polícia Ostensiva visando à Preservação da Ordem Pública em áreas críticas em situação de emergência ou de calamidade pública, decretada pelo Poder Público Estadual ou Municipal.

O COMANDANTE-GERAL DA POLÍCIA MILITAR DE SANTA CATARINA no uso de suas atribuições legais dispostas no artigo 144, §5º da Constituição Federal; artigo 3º e artigo 29, do Decreto-Lei Federal 667, de 02 de julho de 1969, c/c o seu regulamento (R-200), em seu artigo 2º, item 21 e artigo 10, § 3º, aprovado pelo Decreto Federal 88.777, de 30 de setembro de 1983; o artigo 107 da Constituição Estadual; artigo 2º da Lei 6.217 de 10 de fevereiro de 1983 – Lei de Organização Básica da Polícia Militar:

CONSIDERANDO que compete a Polícia Militar, nos termos do artigo 144, § 5º da Constituição Federal, a polícia ostensiva desenvolvida em 4 fases: a ordem de polícia, o consentimento de polícia, a fiscalização de polícia e a sanção de polícia;

CONSIDERANDO que também prescreve o artigo 144, § 5º da Constituição Federal ser missão específica da Polícia Militar a preservação da ordem pública, que abrange a segurança pública, a salubridade pública, a tranquilidade pública e a dignidade da pessoa humana;

CONSIDERANDO o que prevê o artigo 3º, letras “b” e “c” do Decreto-Lei 667/69 que reorganiza as Polícias Militares e os Corpos de Bombeiros Militares dos Estados, dos Territórios e do Distrito Federal, e dá outras providências;

CONSIDERANDO o disposto no Parecer GM 25, da Advocacia-Geral da União, aprovado pelo Excelentíssimo Senhor Presidente da República e publicado no Diário Oficial da União de 13 de agosto de 2001, página 06;

CONSIDERANDO os constantes registros de atos de vandalismo, furto e roubo em áreas específicas afetadas.

Resolve:

Art. 1º. – A Polícia Militar fará controle direto das áreas atingidas diretamente por alagamento, deslizamento ou que há falta de energia elétrica, neste caso no período noturno, atuando como Polícia Ostensiva na Preservação da Ordem Pública.

§ 1º Entende-se por controle direto a atuação sobre as pessoas que circulam em vias públicas e que comprovadamente não habitam a área ou que não sejam voluntários cadastrados pela defesa civil estadual ou municipal, impedindo que estas circulem sem a devida autorização, bem como a fiscalização do funcionamento principalmente de bares, boates e afins, providenciando o fechamento quando atentarem contra a ordem pública.

§2º Considera-se “devida autorização”, aquela concedida pelos órgãos de defesa civil estadual, municipal, Polícia Militar ou Corpo de Bombeiros Militar.

§3º Os membros de órgãos ligados à defesa civil envolvidos nos trabalhos, tais como: Forças Armadas, Polícia Federal e Polícia Civil também terão livre acesso aos locais de risco sem a necessidade da “devida autorização”.

§4º O Controle previsto no caput deste artigo será de responsabilidade do Comandante de Polícia Ostensiva local, que se fará executar através de barreiras fixas, móveis e patrulhamento ostensivo a pé, montado ou motorizado com policiais militares destacados especialmente para tal fim.

Art. 2º Os locais de alojamento de pessoas atingidas por alagamentos ou deslizamentos também deverão ser controlados por policiais militares que acompanharão o cadastro das pessoas alojadas, evitando permanência de pessoas não autorizadas.

Art. 3º Os Comandantes de Polícia Ostensiva deverão estar em contato permanente com as autoridades locais no sentido de haver uma coordenação conjunta das ações objetivando a preservação da ordem pública.

Paulo Roberto Bornhofen

Art. 4º As ações previstas nesta portaria durarão até que cesse a decretação da situação de emergência e/ou de calamidade pública prevista no artigo 1º, sendo o Comandante de Polícia Ostensiva local encarregado de difundir o presente ato administrativo.

Art. 5º O policial militar que flagrar o descumprimento da presente Portaria determinará ao infrator que cesse a conduta, lavrando o respectivo registro da atitude tomada, e, se for o caso, lavrará também o devido termo circunstanciado, tomando as demais medidas penais cabíveis em caso de descumprimento e/ou reincidência, providenciando a retirada das pessoas não autorizadas dos locais sob controle direto da Polícia Ostensiva.

Art. 6º Esta Portaria entrará em vigor na data de sua publicação.

Florianópolis SC, 25 de novembro de 2008.

ELIÉSIO RODRIGUES

Coronel PM Comandante-Geral da PMSC

Paulo Roberto Bornhofen

(Publicada no Diário Oficial nº 18.497 do dia 26/11/2008)

### ***Histórico do 10º BPM - Blumenau***

Desde o período colonial, a Polícia Militar já se fazia presente em Blumenau-SC, inicialmente em 1848 com 8 (oito) Soldados da Cia. de Pedestres instalados em Belchior (hoje pertencente ao Município de Gaspar), que defendiam os colonos dos ataques dos bugres.

Em 1863 foi instalado um grupo de Pedestres na colônia de Dr. Blumenau, também para a defesa dos colonos contra o ataque de bugres.

1871 - Após a visita do Governador, e atendendo às autoridades, foram enviados 3 soldados.

1873 - Foi organizada pelos colonos a Guarda de Batedores de Mato, para a abertura de picadas e defesa contra índios.

1875 - Com o crescimento da população e a infiltração de maus elementos, foi designado o primeiro Delegado, Tenente PM Pedro Félix Gomes, que com mais 10 soldados da Força Pública faziam a segurança de toda a região do Vale do Itajaí.

1968 - Foi instalado o Serviço de rádiopatrulha na cidade de Blumenau, e o destacamento foi transformado em Pelotão subordinado à 4ª Cia do 1º Batalhão na cidade de Itajaí.

1979 - Marca a criação em Blumenau da 1ª Cia do 1º BPM – Itajaí, que foi instalada em 1981 e após vários endereços, veio a se fixar definitivamente no ano de 1982, em prédio próprio na Rua Almirante Tamandaré nº. 1501, atual endereço do Batalhão.

1987 - Foi criado no dia 06 de Março o 10º BPM, ocupando o mesmo espaço físico da então 1ª Companhia do 1º Batalhão de Polícia Militar, e tendo como área de atuação 12 municípios.

1989 - Houve a incorporação ao 10º BPM da Companhia de Rio do Sul, passando a denominar-se 4ª Cia. do 10º BPM, com área de atuação em 27 municípios do Alto Vale do Itajaí, ficando o 10º BPM com 39 municípios.

1994 - É criado o 6º Pelotão de Polícia Militar Feminina.

1995 - Em 05 de maio, é implantado o Grupo de Polícia de Proteção Ambiental, ativado em 02 de junho. Também em maio de 1995, foi criado o Grupo de Ações Táticas, com ações

direcionadas para o atendimento das ocorrências de maior gravidade.

1996 – Foi instalada a primeira Base Operacional em Blumenau, situada no Bairro Itoupava Central, tendo por intuito a descentralização e facilitação do serviço de policiamento nos bairros. Em 1999, foram entregues mais duas bases, uma no Bairro da Velha e outra no Bairro do Garcia.

1999 – Foi implantado o Proerd (Programa Educacional de Resistências às Drogas e à Violência) que atua nos 14 municípios da área do 10º BPM; o programa consiste em levar às escolas instrutores, que através de aulas preventivas ensinam como as drogas tornam as pessoas violentas e infelizes, ajudando-as a resistirem às pressões que poderão lhes influenciar a experimentar cigarro, maconha, álcool ou inalantes entre outras drogas. Hoje, na área do 10º BPM, o PROERD já vacinou 26415 (Vinte e seis mil e quatrocentos e quinze) crianças contra as drogas e a violência.. E desde o primeiro semestre deste ano vem desenvolvendo o programa também com adolescentes da 6º série, tendo sua primeira turma formada com 146 alunos em agosto deste do corrente.

2005 - Conforme decreto nº 3.549 de 03 de outubro de 2005, transforma a 1ª Cia. do 10º BPM em Guarnição Especial de Polícia Militar de Brusque a qual deixou de pertencer ao 10º BPM, juntamente com os municípios de Botuverá, Gaspar e Guabiruba.

2006 - Conforme decreto nº 3.979 de 31 de janeiro de 2006, o pelotão da cidade de Gaspar retorna a fazer parte da área do 10º BPM.

Atualmente, o 10º Batalhão de Polícia Militar, com efetivo de 553 policiais militares é comandado pelo Tenente Coronel César Luiz Dalri, atende 10 municípios: Apiúna, Ascurra, Benedito Novo, Blumenau, Doutor Pedrinho, Indaial, Pomerode, Rio dos Cedros, Rodeio e Timbó.

### ***Histórico da Polícia Militar de Santa Catarina***

As Polícias Militares do Brasil são organizações estatais de direito público. Têm objetivos definidos em lei, que orientam, e que se constituem na sua razão de ser. Esses objetivos são as suas finalidades e competências, expressas na legislação específica e na legislação peculiar.

A Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), órgão da administração direta do Governo do Estado de Santa Catarina, é uma instituição prestadora de serviços públicos na área de segurança pública, tendo como jurisdição a totalidade do território catarinense.

Criada por Feliciano Nunes Pires, então Presidente da Província de Santa Catarina, através da Lei Provincial Nº 12, de 05 de Maio de 1835, a “FORÇA POLICIAL”, denominação que lhe foi conferida na época, substituiu os ineficazes Corpos de Guardas Municipais Voluntários, então existentes, com a missão de manter a ordem e a tranquilidade públicas e atender às requisições de autoridades judiciárias e policiais. Sua área de atuação ficava restrita à vila de Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis) e distritos vizinhos.

O Regulamento da Força Policial, aprovado em 1836, só veio ratificar a missão acima citada, outorgando-lhe a missão ampla e complexa de atender desde incêndios até a prisão de infratores das posturas municipais. Essa foi, durante muitos anos, a principal missão da Força Policial.

Porém, durante o período Imperial, o Brasil se viu envolvido em inúmeras contendas internas e externas, tais como a Guerra dos Farrapos e a Guerra do Paraguai, para citar apenas as que atingiram mais diretamente o Estado de Santa Catarina.

Durante esses eventos, a Força Policial atuou em conjunto com o Exército Brasileiro (EB), quer seja repelindo as agressões externas, quer seja para defender a unidade pátria, tendo contribuído em muito para a definição e defesa dos limites territoriais tanto do Brasil quanto do Estado. Assim sendo, além da preocupação com a segurança pública, a Força Policial passava a atuar também no campo da Defesa Interna e Segurança Nacional.

Em 1916, recebe a denominação de FORÇA PÚBLICA (Lei Nº 1.137, de 30 de Setembro) e em 1917 passa a ser

considerada, através de acordo firmado entre a União e o Estado, força reserva do Exército de 1ª Linha.

Em 10 de Janeiro de 1934, novo acordo entre a União e o Estado eleva a Força Pública à categoria de força auxiliar do Exército Brasileiro. Nesse mesmo ano, a Constituição Federal também passa a considerar as Forças Públicas como sendo Auxiliares do Exército, conferindo-lhes assim, “status” constitucional.

Em 1946, a Constituição Federal altera a denominação para POLÍCIA MILITAR, descrevendo como missão a segurança interna e a manutenção da ordem. Prevê ainda que a União legislará sobre a organização, instrução, justiça e garantias das PM.

Em 1967, a Constituição Federal prevê que a União passará a controlar também o efetivo das PM, criando a Inspeção Geral das Polícias Militares (IGPM). Orienta ainda que as PM devem voltar-se às atividades policiais.

Em 1988, a Constituição Federal prevê como missão da PM, em seu artigo 144: “a segurança pública, dever do Estado,

direito e responsabilidade de todo, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, ...”.

Cita ainda a Constituição de 1988 como competência da PM, em seu artigo 144, § 5º: “Às Polícias Militares cabem a polícia ostensiva e a preservação da ordem pública; aos Corpos de Bombeiros Militares, além das atribuições definidas em lei, incumbem a execução de atividades de defesa civil”.

Além da Constituição Federal, outros instrumentos legais de âmbito Federal e Estadual, fazem referência à missão e competência legal da PM, entre os quais podemos citar o Decreto Lei Federal Nº 667, de 02 de Junho de 1969, que reorganiza as PM e os Corpos de Bombeiros dos Estados, Territórios e do Distrito Federal, e a Constituição do Estado de Santa Catarina de 1989, que estabelece em seu artigo 107 que:

À Polícia Militar, órgão permanente, força auxiliar, reserva do Exército, organizada com base na hierarquia e disciplina, subordinada ao Governador do Estado, cabe, nos limites de sua competência, além de outras atribuições estabelecidas em lei:

I – exercer a polícia ostensiva relacionada com:

- a preservação da ordem e da segurança pública;
- o radiopatrulhamento terrestre, aéreo, lacustre e fluvial;
- o patrulhamento rodoviário;
- a guarda e fiscalização do trânsito urbano;
- a guarda e fiscalização das florestas e mananciais;
- a polícia judiciária militar;
- a proteção do meio ambiente.

Compete ainda à PMSC atuar nos seguintes campos:

- Atuação no Campo da Segurança Pública (como Polícia Ostensiva Preventiva e como Polícia Ostensiva Repressiva);
- Atuação no Campo da Segurança Integrada;
- Atuação no Campo da Defesa Territorial;
- Atuação no Campo da Defesa Civil.

## ***Canção da PMSC***

Letra e Música: Ten Cel Roberto Kel

I  
Na grandeza do nosso passado  
Na bravura que o tempo guardou  
Nossa Farda é um atestado  
Que o heroísmo já glorificou  
A defesa da Lei e dos lares  
Essa Farda nos faz garantir  
Os deveres são nossos altares  
Destinados ao crime banir

Estribilho

Salve PM Catarinense  
O teu nome havemos de honrar  
Na batalha que o bem sempre vence  
Para a Lei na vanguarda ficar  
Na batalha que o bem sempre vence  
Para a Lei na vanguarda ficar

II  
Quer na paz patrulhando à cidade  
Quer na guerra ou em pleno sertão  
Onde faça mister a verdade  
Onde faça mister a razão  
Ao tombarem a serviço da Lei  
Nossos bravos heróis destemidos

Paulo Roberto Bornhofen

Esquecidos soldados da grei  
Jamais sejam por nós esquecidos

Estribilho

Salve PM Catarinense

O teu nome havemos de honrar

Na batalha que o bem sempre vence

Para a Lei na vanguarda ficar

Na batalha que o bem sempre vence

Para a Lei na vanguarda ficar

### ***O autor***

Paulo Roberto Bornhofen, Tenente Coronel da Polícia Militar de Santa Catarina. Exerce suas funções no 10º Batalhão de Polícia Militar, na cidade de Blumenau, desde 1987, onde foi subcomandante do Batalhão.

É escritor integrante da Academia de Letras Blumenauense, ocupando a cadeira IV e da Academia de Letras de Canelinha ocupando a cadeira XIII. Cônsul do movimento Poetas Del Mundo para Blumenau-oeste. Delegado para Santa Catarina da entidade literária Portal Cá Estamos Nós – ponte luso-brasileira para lusófonos. Dedicase a escrever crônicas, contos e poesias. Possui livros sobre a Segurança Pública e participa, com seus textos, em várias antologias Atualmente, é presidente da Sociedade Escritores de Blumenau – SEB.

Bacharel em Ciências Contábeis, possui especialização em Administração em Segurança Pública, MBA em Gestão Estratégica de Organizações e mestrado em Desenvolvimento Regional.